

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

FERNANDO PEREIRA LIOTTO

**PODER À POTÊNCIA: LINHAS DE CUIDADO NA RELAÇÃO COM AS DROGAS,
NARRATIVAS E OUTRAS PERIPÉCIAS.**

Vitória, ES

2018

FERNANDO PEREIRA LIOTTO

**PODER À POTÊNCIA: LINHAS DE CUIDADO NA RELAÇÃO COM AS DROGAS,
NARRATIVAS E OUTRAS PERIPÉCIAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional. Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Trabalho e Processos Formativo-Educacionais.

Orientador: Prof. Dr. Jésio Zamboni

Vitória, ES

2018

[FICHA]

FERNANDO PEREIRA LIOTTO

**PODER À POTÊNCIA: LINHAS DE CUIDADO NA RELAÇÃO COM AS DROGAS,
NARRATIVAS E OUTRAS PERIPÉCIAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovado em 28 de Março de 2018.

Comissão examinadora

Professor Doutor Jésio Zamboni

Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Ana Paula Figueiredo Louzada

Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Pablo Ornelas Rosa

Universidade de Vila Velha

Professora Doutora Ana Cristina Nascimento Givigi

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Agradecimentos

Por muito tempo fiquei pensando como agradecer aqueles que, enfim, tornaram possível esse trabalho. Todas as vezes que pensava em escrever “os agradecimentos”, passava boa parte do tempo lembrando de pessoas e situações que estão presentes no texto que se segue. Explícita e implicitamente. Não foi possível deixar de pensar em a Deus. Mas pensando em Deus, foi inevitável não esquecer de pessoas e situações que comporam as narrativas e as idas e vindas da criação da dissertação. E parto dai meu agradecimento. Da presença de cada sujeito que compôs esse trabalho, os meus mestres e professores, ao meus inumeros amigos que passaram por mim durante minha formação como sujeito, como profissional e aprendiz. Sobre tudo meus familiares, os que agradeço individualmente e aos que não agradeço diretamente. Merece destaque as pessoas que emprestaram suas vidas durante meus atendimentos e intervenções como profissional e pesquisador. Foram alimentos e alimentados pela clínica aonde sempre o cuidado de si teve conxões diretas ao cuidado do outro. É materia viva o afeto, humildemente tentei dar voz as nossas experiencias compartilhadas. Para que possamos notar a divindade nos encontros, e nao fora deles.

há esses ser divinos, Ana Maria Pereira, minha mãe. O seu apoio incondicional, sua confiança e sua fé tornaram esse trabalho possível. Quantos colos e quantas lágrimas enxugadas durante a vida, durante esse mestrado. Quantas dores compartilhadas com essa mulher que lutou comigo durante toda minha vida. Que mais que me colocar no mundo, me deu a mão todas as vezes que eu não conseguia caminhar. Minha gratidão eterna por você. Pelo grande ser humano que você é, pela sua ética com a vida, pela sua dedicação a tudo que faz, por me mostrar que é possível sempre se tornar alguém melhor. Por ser uma pessoa buscadora de inspiração para tornar a vida mais do que vivível, uma vida que vale apenas ser vivida.

Junto ao agradecimento a minha mãe quero prestar uma homenagem a Ocyrema Cavalcante Pereira, minha avó. Mãe da minha mãe, incentivadora da nossa

educação, provavelmente uma das pessoas que mais me inspirou a chegar ao mestrado. Ainda que ela não tivesse estudo formal, essa senhora inspirou em mim o desejo pela leitura e pelo saber e através dela o conhecimento ganhou um encanto do qual eu nunca mais me despreendi. Grato aos meus irmãos Alberto Liotto Junior e Gabriel Pereira Liotto, pessoas incríveis que sempre me apoiaram em tudo que investi na vida, tenho sorte de tê-los como irmãos.

Um agradecimento aos professores e equipe do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, um equipe que me acolheu diante das adversidade, que me orientou, buscando sempre ser coerente com a base filosófica do programa. Essa equipe ganhou minha admiração, meu respeito, pela ética com as vidas dentro de um sistema rude e muitas vezes contraproducente do mundo acadêmico. Um agradecimento ao Grupo de Estudos de Gênero e Sexualidade-GUEPS, em especial ao Alexsandro Rodrigues Coordenador do grupo, pelo saber compartilhado, pela portar sempre aberta, pela ética com o conhecimento, pelo amor que trata todos os alunos, pesquisadores e colegas que partilham suas experiências e dificuldades nos seus grupos de estudos e pesquisas. Gratidão Alexsandro Rodrigues.

Aos meus colegas de turma, cúmplices dessa aventura. Pessoas que tive o prazer de conviver por dois anos.

Ao meu orientador Jésio Zamboni uma imensa gratidão. Em um ano e meio de trabalho Jésio Zamboni pegou essa dissertação com critério ético irretocável, com um amor, um cuidado criterioso e rigoroso. Gratidão pela amizade, pela escuta, pela paciência. Sobre tudo Gratidão por me mostrar uma academia mais humana capaz de incluir efetivamente os saberes que se inscrevem na vida, os saberes sujeitados junto aos especializados.

Ao amigo Daniel Delvano com quem compartilhei ideias, musicalidades e contações de historias. Grande parceiro na empreitada da vida, contribuiu bastante nas reflexões e com objetivo de fazer esse mestrado como se fosse ele e junto comigo trilhou essa trajetória toda com sua escuta atenta, com seu ombro amigo, gratidão irmão.

A Kiki que foi uma grande incentivadora desse investimento na minha vida e que assim como poucos é uma luz que com seu exemplo faz com que mais e mais pessoas acreditem que é possível realizar seus sonhos.

O Pablo Rosa esse grande aliado que a vida me trouxe, foi através dele que esse trabalho ganhou linhas importantes de análises, de inspiração, gratidão meu amigo.

Ao meu grande amigo Gilson Gilbert que me acompanha desde a graduação. Foi ele um investidor deste trabalho me incluindo nas agendas de reuniões de definições das políticas de drogas no Estado do Espírito Santo.

A alguns colegas de trabalho que foram meus cúmplices diante dessa seara de tantas controvérsias que é a prática de cuidado com pessoas que apresentam problemas com drogas. Entre eles, Sebastião Cezário, João Vitor, Angelo Bravin, Rubens Loureiro, Eunice e toda turma do CADEQ.

Resumo

Esta dissertação foi desenvolvida por meio de Narrativas, por acreditarmos ser este o método que melhor atende seus objetivos. As narrativas abrangem o período que atuei como psicólogo em diferentes serviços. São a mistura de inúmeros acontecimentos ocorridos e que se conectam entre si, fazendo agenciamento direto com as políticas de cuidado desenvolvidas no âmbito estatal e não estatal e com os diversos processos de experiência com as drogas. Tais narrativas permeiam linhas de produção de práticas de cuidado, num campo em que emergem discursos predominantemente conservadores, centralizando majoritariamente o debate em torno do discurso da abstinência ou na ausência de uso de drogas. Tal discurso caminha de mãos dadas à guerra às drogas, com o modelo médico de doença e com a visão de degenerescência presentes nos dois e potencializada pelo olhar religioso. Os intercessores presentes nesse campo são elementos debatidos nas narrativas, dão visibilidade aos diversos campos de experiência com as drogas. Buscando-se assim desenvolver um olhar para além do maniqueísmo moral para situar o debate no campo extramoral das drogas, no nível das experiências com uso e seus intercessores. Discute-se o modelo das relações produzidas e em como elas sustentam práticas instituídas e identitárias que acabam por criminalizar o uso, tornando o usuário louco e perigoso. Tal cenário faz emergir conjuntos de práticas e discursos que atravessam o campo das políticas de cuidado. Tomando como bordas as linhas molares do proibicionismo, da medicina e da religião para pensar seus campos de práticas, toma-se a questão das drogas a partir do campo de experiência e da relação com a droga, sabendo ser este campo atravessado por múltiplas molaridades. Assim desenvolve-se a análise dos processos existentes nas relações de cuidado nas experiências com as drogas.

Palavra-chave: Linhas de cuidado, drogas, política de cuidado.

“O que se experimenta? O que se vê? Coisas maravilhosas, não é? Espetáculos extraordinários? São belos? Terríveis? E perigosos? Tais são as perguntas que frequentemente fazem, com uma curiosidade misturada a medo, os ignorantes aos débitos. Diríamos uma impaciência infantil em saber, como a das pessoas que nunca saíram de casa quando se encontram diante de um homem que volta de países longínquos e desconhecidos. Eles imaginam a embriagueis do haxixe como um país prodigioso um vasto teatro de prestidigitação e escamotagem onde tudo é milagroso e imprevisto. Há aí um preconceito, um desprezo completo e uma vez que para os leitores e curiosos comuns a palavra haxixe a ideia de um mundo estranho e confuso, a expectativa de sonhos prodigiosos (seria melhor dizermos alucinações, que são, aliás, menos frequente do que imaginamos)”

Charles Baudelaire

Sumário

1. A praça, o território, a vida em expansão	11
2. Vertigens: atuação profissional e saberes sujeitados	16
3. Um percurso na relação com a droga e tratamento: capturas do desejo em doze passos	19
4. A tríade molar da abstinência	23
5. As linhas e as abordagens: abstinência, redução de danos e outras estéticas	28
6. A casa verde	32
7. Pelas linhas do proibicionismo	35
8. Uma japamala quando a rigidez se torna mais flexível	38
9. Abelardo Farias entre grupos de mútua ajuda e cracolândias: dois lados de um mesmo cuidado	42
10. Procurando droga na quebrada	46
11. Dirceu quebrando tudo no CAPS	47
12. Quanto custa a liberdade	52
13. O pensamento sem imagem do Dirceu	56
14. Leonardo pula pela janela	59
15. Como se chega a ser um rebanho: Comunidade Terapêutica	60
16. Narrativa Zero menos Um	67
17. Anauá, a esquiló: modos de caminhar, narrar e colher histórias	71
18. Narrativas em rede: o que fiz?	74
19. Bibliografia	78

1.A praça, o território, a vida em expansão

A Praça, coração do centro da cidade, o relógio central e a hora exata. É hora de trabalhar, olhar o sinal, andar, parar, comer. No compasso dos ponteiros de segundo, carros rufam seus motores. Praça limpa. Aparentemente, todos sabendo para onde ir. Curioso não ver gente conversando ou parada. A linguagem verbal é quase instrumento do relógio. Um transeunte perdido pede informações e um braço se estica ditando uma direção tal qual o ponteiro do relógio. Segue mais uma fala operacional e territórios emergem. São antes agenciamentos¹, fazendo suas bricolagens. Há um engraxate, um cuidador de carros, um palco montado para apresentação de um programa policial transmitido na Televisão e gente circulando para todos os lados formando um todo aparentemente uníssono.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes organizam territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é um conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323)

Ao atravessar a praça, quase não se nota outras melodias. O que ocorre é uma aparente simbiose e, em compassos homogêneos de um contrabaixo, os movimentos tornam-se densos. A sonoridade faz borda com os espaços das vagas dos carros, com a plateia, com o palco e com os possíveis mesmos caminhos dos que passam por ali. O carro da polícia encosta, aborda uns meninos que estavam brincando. Coloca-os na parede, no cume da manhã: "aonde estão indo, moleques?". Os meninos são adolescentes, desceram o morro central da ilha, falam que estão indo para praia brincar; o policial os revista e os deixa ir.

1 "Agenciamento é uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos de natureza diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma "simpatia". (DELEUZE, 1998, p. 84)

Seguem mais à frente os policiais, agora para abordar um homem que dorme no banco da praça. Sua presença talvez tenha passado despercebida. Esse homem destoava da paisagem e do contrabaixo. Foi interferência não sentida, como se não houvesse olhos para aquela frequência. Algo se passa que não foi raciocinado – a existência desse homem; logo em seguida insurge um sujeito, instâncias individuais e coletivas se colocam em posição de distintos territórios existenciais e auto-referenciais (DELEUZE, 1997). Define-se, por fim, a praça e o homem que dorme na praça. Seria um bêbado? É o que me surge como primeira imagem, e foi inevitável emergir além: é um bêbado no banco da praça. O policial, talvez, tenha pensado o mesmo.

O homem acorda com cutucões de cassetete, levanta-se irreverente. É um andar de bêbado, não me resta dúvida. Não entendi porquê, mas a polícia o conduziu para a viatura e o levou. O cuidador de carros que assistia a tudo de perto me falou que o policial o levou para a delegacia por perturbar a ordem pública. É o bêbado que perturba, as crianças que perturbam – e a velocidade da cidade que não permite que todos a acompanhem. Um padrão está posto, um nível de permissão para circular na praça e na cidade está posto. O contrabaixo contorna as bordas da praça e estabelece mais precisamente seus territórios. São densas essas bordas.

Porém, o contrabaixo marca mais do que o tempo, marca também o tom que a música tem que seguir, reverberando campos harmônicos, possibilitando novos arranjos. São tons e ritmos diversos: atonal, tonal, jazz, frevo, samba. Já não é tão homogênea a praça. Surgem outros olhares. A realização de outros olhares são efeitos de possíveis deslocamentos na lógica molar estabelecida: uma desterritorialização. Adolescentes, mendigos e policiais tornam perceptíveis uma variação da molaridade do contrabaixo. São as linhas moleculares.

Ao mesmo tempo, temos linhas de segmentaridade bem mais flexíveis, de certa maneira moleculares. Não que sejam mais íntimas ou pessoais, pois elas atravessam tanto as sociedades, os grupos, quanto os indivíduos. Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são, entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis. Mais, porém, do que linhas molares a segmentos, são fluxos moleculares a limiares ou quanta. Um limiar é ultrapassado, e não coincide, necessariamente, com um segmento das linhas mais visíveis [...]” (Deleuze, p. 101, 1998)

Sinto que entre o primeiro olhar e o atual, faltaram-me territórios. Subitamente, anseio por um lugar de previsibilidade. Já não posso ignorar e seguir instintivamente guiado pelo tempo dado. Embora tenha ocorrido uma

correspondência entre o homem que dormia na praça e o alcoolismo, isso não é a comprovação de um dado *a priori*. Este homem pode ser um morador de rua, uma pessoa que tomou um porre naquele dia, mas tomá-lo pela significância “bêbado”, ainda que pareça evidente, não o resume e o encerra em si mesmo completamente.

A figura do bêbado está há muito estabelecida, e sempre associada a algum tipo de indigência, de pobreza – de tal forma que nem se percebe quem se constitui em quê. Seria um bêbado por ser indigente? Ou seria ele um indigente por ser um bêbado? É mais relevante notar que não importa a resposta dessas perguntas; o indigente, o morador de rua, o pobre são associados de alguma forma à figura do degenerado, do desviante, do drogado. Assim ocorreu com o álcool; em dado momento, passou a ser a cocaína, depois o crack e, assim, vão surgir novas drogas associadas a um determinado estereótipo social criminalizado ou em situação de vulnerabilidade.

A denominação de vulnerabilidade acompanha o conceito de qualidade de vida associada à política de segurança derivada do programa fascista de tolerância zero, cujo um dos objetivos é *limpar a peste das ruas*, crianças, mendigos, putas, miseráveis, usuários de drogas, pretos e quase pretos, vagabundos, migrantes, aquilo que a ordem denomina por indigentes culturais, os incivilizados. A amplificação do discurso de combate à violência mostra-se aqui em sua tessitura mais sutil, pois é preciso saber, ao se conduzir a vida, deparar-se com a condição de sabê-la governada. (OLIVEIRA, 2007, p.156, grifo dos autores)

Não é possível mais falar da praça, mas sim das praças. Outros tempos requerem atenção. Não tardou ter de olhar com mais atenção para os diferentes tempos, e para os compassos que produzem a dança da vida que serpenteia no meio da praça. O próprio tempo é notado como um lugar de novas construções. Lembrar é agora fazer novas estradas. Para frente e para trás e por todos os lados. O relógio captura, a polícia policia, a assistência aborda, a religião acolhe, a medicina trata. Ainda que hajam esses territórios mais rígidos, sempre encontram-se campos de maior flexibilidade, pois o sujeito não é um dado *a priori*, e nem os são os territórios. Deleuze (2001), partindo de Hume, diz que subjetividade ultrapassa o dado prévio, o que nos alerta quanto à nossa percepção diante de um dado ocorrido.

Sem dúvida, também o sujeito é dado, constitui-se um sujeito dado, mas outra de maneira, em outro sentido. Esse sujeito que inventa e crê se constitui num dado de tal maneira que ele faz do próprio dado uma síntese, um sistema. É isso que se deve explicar (DELEUZE, 2001, p. 77)

Como caminhar se não tiver ginga? Em que compasso o bêbado tropeçou? Se é que foi um tropeço e não uma linha de escape. E aqueles adolescente, quais ritmos seguiram? Agenciamentos se fazem por toda parte, a insubordinação ao relógio e seus agentes policiais estão por todos os lados. As paredes pintadas de branco, pichações, pó de minério e batuques formam multiplicidades musicais. Ainda que o relógio autoritário ordene, sempre é possível quebrar o tempo em outros compassos. Temos, na configuração dos territórios, uma estética formada por efeitos das relações de força que emergem a partir dos encontros, desacordos, acordos. Território que se faz por meio de seus ritmos, em constante movimento de atração e repulsa, constituindo o campo do viver, para além do sobreviver.

O baixo amplia a visibilidade em novos tons, a densidade de seus timbres não impede que outras linhas estejam presentes. No campo das modulações musicais o baixo é molar, mas também molecular e de fuga. Os improvisos de Jaco Pastorius² marcam o tempo, ambientam a música, mas também solam, alteram as harmonias, mudam os tons, traçam pequenas modificações, fazem desvios. A pulsão da música, num solo de contrabaixo, também delinea outros ritmos, ainda que na mesma música. “Um limiar é ultrapassado, e não coincide, necessariamente, com um segmento de linha visível”; o bêbado é carregado, e não necessariamente deixará de beber; os meninos foram para longe da praça, mas nada impede que voltem. Há molaridades sujas de pichações. Há molecularidades pintadas de branco, e as linhas de fuga estão embriagadas de inspiração. Longe de existir uma molaridade pura, temos trançada a ela linhas moleculares e de fuga. (DELEUZE, 1998)

Em todo caso, as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras. Temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão. O que chamamos por nomes diversos – esquizoanálise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos. (DELEUZE, 1998, p. 102)

2 Jaco Pastorius, de nome próprio John Francis Anthony Pastarius III, foi um baixista de jazz norte- americano. É considerado por muitos como um dos mais influentes baixistas de todos os tempos.

E nessas linhas pousam a produção de subjetividade. São as linhas que tecem os sujeitos, permeados por “agenciamentos coletivos de enunciação”. Agentes e enunciados produzem a subjetividade. (GUATTARI, ROLNIK; p. 39, 2005)

2. Vertigens: atuação profissional e saberes sujeitos

Caminho para o trabalho; exercerei agora a função de gestor de um serviço público, em um centro de triagem de Dependentes Químicos, onde pessoas com problemas com drogas são encaminhadas para Comunidades Terapêuticas credenciadas pelo Estado do Espírito Santo. Já fora gestor de uma Casa de Recuperação para pessoas que apresentam problemas com drogas; já trabalhara como Psicólogo de clínicas psiquiátricas particulares, Comunidades Terapêuticas e em serviços ambulatoriais que atendem pessoas com transtorno mental. Em todos os lugares em que atuei profissionalmente, atuei com atendimento de pessoas que vivenciam as mais diversas políticas de cuidado, que frequentam Comunidades Terapêuticas, Centros de Atenção Psicossocial, clínicas psiquiátricas, hospitais gerais, unidades de saúde e serviços afins, além de escolas, igrejas, praças, praias, quadras esportivas. Público que por si só faz emergir uma imensa complexidade social – que a praça nos revela.

A complexidade musical sugere campos de enunciação, caixas de ferramentas e, em meio a tudo, o “saber psicológico” me permeava. Os níveis de maior molaridade tornariam minha passagem pela praça mecânica, automática, ponteiro de relógio. Também uma atenção de psicólogo indo para o trabalho carregado de expectativas, trazendo consigo uma porção de teorias, referências e ideologias “prontas para justificar e legitimar a existência dessa profissão especializada.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 38)

A atenção voltada para os movimentos mais sutis, para os territórios e microterritórios constituídos ali, fazem emergir outras visualizações; visualizações mais moleculares. Era a praça mexendo comigo, chafurdando meus planos. A música que se compõe na dança dos muitos corpos dali desconcerta meu caminho. Foi um chafurdar por campos experienciais. Uma vertigem se passa, imagens emaranhadas embaçam uma tela, um plano de percepção contorce o campo “psi”, sem perder de vista as bordas do contraabaixo, “se articula com o tecido urbano, com os processos maquínicos de trabalho e com a ordem social suporte dessas forças produtivas” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 34). É o relógio da praça que marca um tempo produtivo e um contraabaixo subversivo pululando nos contratempos.

É a vertigem. E seria a vertigem um deslocamento do espaço visível e a possibilidade de conexão com o caos. O que estava mais presente era o motivo de eu estar ali, meu próximo emprego. A (de)formação acadêmica em um corpo de práticas, fazendo-se e acontecendo. Uma eterna produção de fazeres: ser psicólogo, atuar com políticas de cuidado, clínica álcool e drogas a dialogar com a vida, com a praça. Vertigens acontecem quando se abrem novas vias para além do pensamento mecânico da consciência, aportando em outros saberes que transbordam os planos idealizados e teóricos (ROLNIK, 1995).

O plano da atuação profissional opera com vetores mais rígidos e produz subjetividade, na medida em que desenvolve serialização de pessoas (usuários, não-usuários), categorização de comportamentos, perfis estatísticos codificáveis, empurrando-o forçosamente para campos ideológicos, representacionais. A praça, essa aliada direta da vida, interpela o saber representacional. O contrabaixo em suas modulações dá contornos vibratórios aos saberes, mesmo porque suas molaridades caminham sempre acompanhadas das outras linhas, não sendo assim um monólito, uma representação ideal sólida.

Tal ampliação no olhar sobre a praça torna outras experiências que vivi relevantes: meu processo de experimentação das drogas. Um período de abstinência, iniciado pela internação em uma clínica psiquiátrica para tratamento de problemas com drogas. É arriscar-se, aqui, a falar dos saberes sujeitados.

Por "saberes sujeitados", eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes de baixo, desses saberes não qualificados, desses saberes desqualificados mesmo, foi pelo reaparecimento desses saberes: o do psiquiatrizado, o do doente, o do enfermeiro, o do médico, mas paralelo e marginal em comparação com o saber médico, o saber do delinquente, etc. - esse saber que denominarei, se quiserem, o "saber das pessoas" (e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam)-, foi pelo reaparecimento desses saberes locais das pessoas, desses saberes desqualificados, que foi feita a crítica. Vocês me dirão: há, ainda assim, aí como que um estranho paradoxo em querer agrupar, acoplar na mesma categoria dos "saberes sujeitados", de um lado, esses conteúdos do conhecimento histórico meticoloso, erudito, exato, técnico, e depois esses saberes locais, singulares, esses saberes das pessoas que são saberes sem senso comum e que foram de certo modo deixados em repouso, quando não foram efetiva e explicitamente mantidos sob tutela. Pois bem, acho que foi nesse acoplamento entre os saberes

sepultados da erudição e os saberes desqualificados pela hierarquia dos conhecimentos e das ciências que se decidiu efetivamente o que forneceu à crítica dos discurso destes últimos quinze anos a sua força essencial (FOUCAULT, 2010b, p. 12)

O falar do usuário de drogas num serviço de tratamento é supervisionado, medido e capturado com frequência pelos saberes instituídos “sobre o drogado”. Do “drogado” é retirado o direito à fala, quando a fala ocorre ela é imediatamente significada num circunscrito específico. Assim como foi feito ao louco, o drogado é objetificado e torna-se objeto de discurso de saberes que (des)qualificam suas zonas de existência, cabendo apenas o lugar do Dependente Químico, Adicto, Craqueiro ou outras referências às drogas que usavam. Muitas vezes condenado a viver sempre sob vigilância – assim como são vigiados na cidade. A câmera da prefeitura está pendurada no canto da praça; o palco do programa de televisão foca o apresentador; outras câmeras focam a população: parece não haver espaço sem vigilância.

3. Um percurso na relação com a droga e tratamento: capturas do desejo em doze passos

Fora levado a crer que tinha problemas com drogas. Era o fim de um período da vida, que chamam adolescência, em que não conseguia conexão com trabalho ou estudo. As relações sociais ficaram reduzidas ao universo de poucos encontros e, por algum motivo, eles vinham acompanhados pelo uso de drogas. Cotidianamente, usava alguma substância que alterasse o humor. Havia muita coisa ocorrendo. Mas, entre as tantas questões que permeavam, o uso de drogas ganhou mais visibilidade.

Era um contexto de proibição, de subversão e de um bocado de experiência com o uso que davam essa visibilidade. Não tinha especificamente uma droga de escolha. Se atirava à experiência de qualquer consumo, algumas vezes ficando despótica, outras não. Na potência, agenciava-se musicalmente, pois vivera de música, tinha encontros criativos. Havia também a vergonha de pequenos vexames, a dívida na boca de fumo, naquilo que denomino campos despóticos. Repetidas vezes, esse cenário se reeditava e, por isso, se convenceu de que seria preciso parar de usar drogas. Foi a primeira experiência com uma clínica psiquiátrica – e a última como paciente. Lá foi ensinado sobre a vida em abstinência e apresentado ao programa de doze passos que definia o usuário de droga como um doente – e o nome da doença era adicção ou dependência química.

É associar o usuário de droga como dependente químico, como se o objeto fosse o elemento capturante e anulador da possibilidade de indicar que esse usuário antes de tudo é desejante, e como tal faz movimento produtivo para o consumo, inclusive abusivo. Isso tem relevância, pois se ele é vítima da substância só a abstinência e a interdição do contato com a droga podem produzir efeitos terapêuticos, como muitos advogam e procuram provar cientificamente. Dentro disso só a internação compulsória teria um bom resultado, pois tornaria impossível aquele contato e desse modo a "vítima" teria a chance de escapar da captura-dependência. (MERHY, p. 16: 2012)

Longe de escrever linhas de fuga para tal nome, foi apoderado por dele. Trouxe a adicção para a sua vida e passou longos anos frequentando Narcóticos Anônimos (NA) enquanto cursava graduação em psicologia. Assim, foram sendo traçados os seus caminhos. Da psicologia para a sala de NA, da sala de NA para casas de

internação: experiências com tratamentos. E, por fim, das casas de internação para salas de aula debatendo estratégias de cuidado em liberdade.

Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações porque essa ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim. (DRUMMOND, 1989)

Seja pela ausência, falta ou excesso de significado, seja pelo que for, a palavra adicto o apanhou. Foi capturado por esse discurso; mais que isso, foi entregue à sua captura como quem encontra uma salvação. Veio um conjunto de Eus que não lhe eram pertencentes, algumas definições que não correspondiam ao modo como se via. É a chamada Identificação. O desejo pelo idêntico, pelo idealizado, pelo representado em algum lugar era curiosamente o elo entre os membros dos grupos terapêuticos desenvolvidos na clínica psiquiátrica em que estava internado. O “Eu” operava pela aproximação aos companheiros, buscando empatia e a tal identificação. Observo que recordar de algo meu com o objetivo de tornar idêntico ao do outro é algo ilusório, esvaziado de sentido. O máximo possível é notar aquelas vidas ressoando sobre mim e sobre minhas experiências.

Ainda na internação, recordo da cilada em que qualquer um caía quando expunha seu desejo por algo. Nesses espaços, os desejos são todos capturados na definição da doença. Um campo de possíveis morria cada vez que alguém desejava algo. “Quero ir para casa”, dizia algum interno. “Isso é vontade de usar drogas”, dizia o terapeuta. Não importava o sentimento, o pensamento, a vontade. Tudo se resumia a querer usar drogas. A vida estava dualizada em usar e não usar. Estar limpo ou na ativa eram termos usados para definir um adicto que está realizando uso ou abstinência. Havia ainda as pessoas que eram internadas compulsoriamente, ou seja, contra a própria vontade. Para esses, existia o quarto gradeado, uma prisão dentro das tantas prisões que os muros da casa psiquiátrica abrigavam. Por outro lado, haviam os grupos de mútua ajuda. Esses seriam mais flexíveis?

Os grupos de mútua ajuda, como Narcóticos Anônimos, Alcolólicos Anônimos e outros, também reservam suas prisões e linhas de fuga. Muitas vezes, são possíveis tratamentos de pessoas sem a necessidade de internação – e isso é bem relevante. Mas, de alguma forma, os grupos de mútua ajuda realizam uma extensão da casa psiquiátrica, do processo disciplinar que a clínica opera por seus aspectos

institucionais. Esses grupos operam pelo controle dos corpos. Uma autovigilância acompanhada, dando continuidade ao processo de assujeitamento, domesticando os desejos, operando pela lógica da ausência do uso.

Fatalmente, os grupos de mútua ajuda operam pelo aniquilamento do desejo. O desejo aqui se encontra aprisionado na ausência, seja do uso, seja de si. O sujeito é orientado a buscar autoconhecimento – é o que apregoa os doze passos – mas de si mesmo se torna desconhecido. O desejo busca a potência, mas se agencia ao poder que lhe disciplina. É um jogo da falta. Um jogo da ausência perdida, levando o sujeito a desejar a ausência de si para tomar a forma do sujeito limpo e ordeiro e adestrado que transborda da psiquiatria para os grupos de mútua ajuda. Assim também são Comunidades Terapêuticas (CT), igrejas, CAPS, etc. Silenciosamente, entretanto, gritavam-me outras questões:

O último trago
O último cigarro
O vício do adicto precisa ser respeitado
A fissura do grito contido
Do gozo entupido
Ao corpo que só quer abrigo
Só quer expurgar
As palavras de leveza
Com elementos da natureza
Também me tocam em demasia
Mas a fúria do meu peito
Como quando o mar fica revoltado
Não há forma de contar
Não há o que ser feito
É necessário que se manifeste
É perigoso, eu sei
Mas se tem medo, não atravesse!
É preciso comer quando se sente fome
É preciso dar de comer a quem tem fome
Se não pode comer, não come!
O viciado não tem controle
Então corta o mal pela raiz
E se despede dele hoje!
(Samira Freitas)

Um maniqueísmo habita os discursos sobre os adictos em recuperação, sobre os usuários de drogas, sobre, sobre e sobre. E ao lado? No meio? Ou por muitos lados? É o papel da instituição formatando o sujeito, com um dentro bem individual e particular. A esses se outorgam as linhas molares, no limite policialesco, das medicinas, das religiões e dos saberes sobre um corpo drogado tipificado. Adjetivos que dialogam com lógicas binárias, do uso e do não uso, o limpo ou na ativa, englobam a questão das drogas em características clínicas definidas, formando práticas e saberes em corpos organizados, internalizados.

Essa é a principal crítica ao modelo de tratamento centrado na doença, sobretudo no caso da dependência química ou adicção. E esse novo emprego desafiava: como seria possível pensar a clínica de álcool e outras drogas sem a necessidade de internação? Como seria analisar a questão das drogas de uma perspectiva extramoral? Seria preciso pensar nas linhas de cuidado possíveis.

4.A tríade molar da abstinência

Subo a rampa do prédio em que trabalharei como psicólogo, um centro de acolhimento para dependentes químicos. Deparo-me com outras melodias. Muitas pessoas sentadas, paradas, esperando e transpirando esperança: universos musicais em ritmos indefinidos. Eu psicólogo, também imerso num universo musical que me coloca em um ritmo definido – ou posso deixar que me coloquem em lugares definidos (isso é só uma questão de vida, nada mais). Sou o Especialista em Dependentes Químicos que, após a experiência na praça, percebe possuir dupla presença: a do psicólogo que ordena, como o relógio/contrabaixo, as forças alheias e a do que torna possível a produção de formas distintas de fazer, de cuidar, de viver.

Meu universo “psi” é ferramenta de imposição a direcionar a vida, ou pode ser um ponto de interseção, uma bifurcação. Pode repetir os compassos do relógio ou encontrar novos compassos. O relógio/contrabaixo produz mundos mas, mais do que isso, produz formas de existir, de viver, de desejar. Em estratos molares, moleculares, capilares, de fuga, o universo *psico-especialista-dependentes-de-drogas* encontra respaldo para suas práticas. No caso da questão das drogas, da abordagem ao usuário de drogas, temos o saber molar fundamentado basicamente pela seguinte *tríade de saber*: biomédico, jurídico e pastoral. Essa *tríade de saberes* forma uma orquestra musical pretensamente celestial, pois idealizante. Configura-se o “perfeito manual de procedimento ordenador da vida”, convertendo os viventes em seres codificáveis.

É meu primeiro dia de trabalho. Sento, pego o instrumento de anamnese. Logo vejo as questões contidas que, entre outras, são: padrão de uso, capacidade ocupacional, tipo de droga utilizada. O trabalho já sugere modelos a serem seguidos. A referência e o saber já estão dados no início do atendimento; já estão pré-codificados. Subitamente, me vejo dentro do relógio. As badaladas quase impedem meus sentidos de notarem outras melodias. É ensurdecador. Sinto um abismo inevitável entre os instrumentos de análise e os sujeitos a serem analisados - e a realidade da praça não encontra eco nesses formulários.

Por um segundo as paredes brancas do consultório apagam qualquer possibilidade fora desses formulários. A vida aqui é dicotomizada: ou perfil de internação ou perfil

ambulatorial. Não havia a mera possibilidade de o formulário apontar uma direção não patológica. Parece uma busca por incluir ou excluir vidas de determinados territórios existenciais. Senti a presença do médico, do policial e do pastor posicionados ao meu lado, prontos a me fazerem instrumento de reprodução da tríade molar da abstinência.

E assim a *tríade molar* opera fazendo funcionar tudo dentro dos seus contornos rígidos. Operacionaliza-se a vida em valores morais, regras de prática de cuidado, de viver, de se comportar. E tudo devidamente estratificado no formulário das minhas práticas “psi”. Como será possível encontrar novamente aquela praça sem sair do consultório? Como encontrar outras melodias entre essas quatro paredes?

Lembrando da praça, traço meus próprios percursos. Tento flexibilizar o instrumento de anamnese e incluir outros pontos a serem perguntados. Busco disponibilizar a escuta para outros timbres e tentar encontrar pontos de interseção que comunguem com a vida e não apenas reproduzam o modelo a ser seguido. É o poder na tentativa de captura do desejo e a potência tentado escapar a essa captura.

O campo molar não é necessariamente ruim. Também não existe apenas uma modalidade do molar. O que se coloca aqui, com a ideia de tríade molar da abstinência, salienta que saberes relativamente recentes, historicamente datados, produzem, no âmbito do visível, linhas de força que incidem sobre a produção de sujeitos e a produção de cuidado desses sujeitos em relação a si e aos outros. Os efeitos e entrecruzamentos molares dessa tríade fazem emergir a meta da abstinência como forma de tratar, mais que isso, de viver. Não sei ao certo se é um modelo de cuidado para controlar vidas ou se é um modelo de controle para ter vidas sob seu cuidado – ou seria algo construído com o sujeito produzindo vias na continuidade da vida? Estou certo apenas que esse modelo é redutor da vida. A vida para esse modelo restringe-se ao tal formulário: apenas um objeto a ser preenchido.

Lanço-me em uma aventura árdua, a de tornar os atendimentos uma busca pelo *puro devir*. Trata-se de fazer do atendimento um território de luta pois, enquanto referências prévias estão ao alcance de um pensamento, uma vida simultaneamente se descortina em múltiplos universos, ou seja, na prática clínica, por efeito das forças molares da abstinência, sou condicionado a construir diagnósticos amparados na normatividade regimentada por manuais de

classificação em saúde mental³. Gostaria de uma saída transversal, que não deixasse escapar nenhum platô da narrativa.

Em apenas um dia de trabalho, tive a impressão de que havia transitado por todos os intercessores da vida de um usuário de drogas. Não só do usuário de drogas, mas do usuário dos serviços de saúde mental. Também, acho que passei pelas cortes de juristas, dentre vários outros espaços. No campo micropolítico dos atendimentos, não pude deixar de constatar a presença dos atores sociais. Também percebi que não existe a possibilidade de segmentar a vida em espaços estanques. O que acontece aqui no consultório é um prolongamento ou um efeito vibratório do que acontece simultaneamente fora dessas quatro paredes.

Assim, o atendimento a pessoas com problemas com drogas já não pode ser simplesmente entendido como um livre desejo de ser tratado ou não. Nem mesmo o conceito de liberdade ficou palatável nessa enorme conjugação de forças aqui descritas. Como dito, temos os que se fundem com o espectro de vida ideal molar, funcionando pela via da identificação com o modelo, e os que buscam conjugar suas forças dando a si seu próprio ritmo de caminhar: esses operam mais por ressonância do que por identificação.

A despeito de determinadas forças molares, a vida na praça continua fluindo, resistindo, ramificando-se e convidando o sujeito a estabelecer sua relação com a vida, por vezes mais molares, por outras, de forma sutil, flexibilizando e encontrando outros meios de transitar. Ao resistir ao todo molar, molecularizam a vida, conjugam com forças mais tênues.

Há ainda as circunstâncias que surpreendem e atravessam toda a trama de linhas molares e moleculares. Surgem as linhas de fuga. Todas essas linhas, esses sons, esses timbres se fazem juntos, ao mesmo tempo. Não havendo maior nem menor,

3 O Código Internacional de Doenças (CID) registra problemas relacionados a uso e abuso de drogas como patologia mental, sendo abordada como tal, gerando práticas de cuidado sobre a questão do sofrimento psíquico em decorrência do (denominado) uso abusivo.

início ou fim, primeiro ou último, o de cima ou o de baixo. Existe apenas o que acontece, o que surge. É nessa insurgência que me situo. Nesse território em que atuo, que vivo e que pesquiso.

É da insurgência que se pode ver a vida, pelos corpos que ela constitui em heterogeneidade de forças, dando forma à estética das relações. Havia em mim um desassossego com os tratamentos propostos pelas abordagens médica e religiosa. Incomodavam-me as práticas e as prescrições estabelecidas por ambas. Tais reflexões sobre as abordagens me conformam com a praça e com seus territórios, ressoam também experiências anteriores de trabalho, ressoam experiências pessoais com a droga e com os tratamentos, reverberam as lutas por políticas de cuidado em álcool e drogas e as dores dos que são encarcerados em clínicas por consequência do uso de drogas.

Busco um lugar para aterrissar, para olhar com mais cuidado: sento-me na praça. As pessoas que passam anônimas à minha frente são usuários de drogas? Ou melhor, algum desses não faz, não fez, nem nunca fará uso de drogas de qualquer espécie? Esses que passam compõem com o quê nessa paisagem? O zum-zum-zum de carros e da música de compassos fixos e explícitos predominam – é que, de alguma forma, há demanda por territorializar. O sufocamento da ordem do relógio e do denso contrabaixo me paralisa.

Dou um suspiro preso e sigo! Ando ao lado do porto, estou indo em direção ao meu novo trabalho. Carrego no corpo as marcas do relógio, o que vivi e aprendi, o que me forma e o que me deforma. Certo de que ainda terei que me deparar com muitas deformidades na vida. Ciente dos múltiplos universos existentes, não posso guiar-me cegamente pelo simbólico, nem pelas pessoas que se fazem feitas de símbolos. Fazer isso seria negar a praça, seria negar os meus passos. E isso não me caberia fazer. Os seres não se encerram em si mesmos. A precipitação das formas, das cores e dos seus tons denuncia a diferença sempre gritante aos olhos de quem sabe ver. Guiar-se pelas imagens não é menos arriscado do que pelos sons.

Não é mais possível deixar de notar pichações, malabares, carros, roupas sociais, chinelos sujos, sapatos lustrados e lustradores, que nem de longe convivem harmoniosamente. Cada um, por sua vez, vive na capacidade de se articular com o

tempo, de desejar com tempo, de amar com tempo e com o tempo que fizer, amar e desejar.

A diferença sutil entre viver e sobreviver está em como orientar-se nas melodias sentidas, nos encontros vividos e em como direcionar seus desejos, onde agenciar suas forças, resumidamente geradas pelo que se vive. O que sobrevive espera, para que as forças definam seus caminhos. O que parece claro é que se caminha ou no automático do relógio e do contrabaixo, ou de forma sutil a comungar com a vida, alheio às significâncias dadas, atento ao que produz novas subjetividades. Esse seria meu dilema. A partir de então, estabeleço um outro olhar para praça.

Noto ser essencial voltar-se para o micropolítico com o intuito de dialogar com as diferentes forças que permeiam as políticas sobre drogas e as estratégias de cuidado e/ou controle em saúde mental. Busco refúgio no que aprendi sobre a vida, suas produções em mim em instantes imprecisos, e sinto desprezo pelo que me torna ritmado com o relógio. Ao notar os compassos, automaticamente planejei meu dia, minhas ações, emoções e valores, pela dominância de valores exteriores a mim. Sem olhar para os passos que agora dou, já acho que sei para onde ir, como se o relógio já tivesse traçado o meu destino.

5.As linhas e as abordagens: abstinência, redução de danos e outras estéticas.

Enquanto passo na praça, outros atravessamentos compõem meu corpo. Foram diferentes questões que me aproximaram da temática das drogas, entre elas está a minha experiência como paciente de uma clínica psiquiátrica. Neste campo representacional e ideológico, apoiam-se certas práticas de cuidado. Refiro-me aqui à metodologia da abstinência e à estratégia de cuidado da redução de danos como formas de tratamentos em conflito. São máquinas opostas, operando dualizações que falam de si por meio de suas práticas.

Ambas as formas de tratamento operam por vias morais, com a diferença nos tipos de impactos que produzem na sociedade. A intervenção dos redutores de danos atua diretamente no controle sanitário, efetuando a distribuição de camisinhas, cachimbos e água potável para os usuários, além de estabelecerem vínculos com o sujeito, criando meios que possibilitem o autocuidado. Na via da abstinência, também existe conexão de cuidado entre usuários: nos grupos de mútua ajuda, pessoas ficam em abstinência do uso de drogas estabelecendo entre si diversas relações de cuidado.

A proposta da abstinência apresenta um alto grau de exigência para o tratamento, pautando-se pela ausência total do consumo da droga e por controles rígidos de restrição. Um exemplo disso são os exames anti-*doping* ao qual pacientes de clínicas de internação são submetidos durante o seu processo de tratamento para comprovarem se fizeram ou não uso de drogas. A clínica anda com o Código Internacional de Doenças (CID) de baixo de um braço e, do outro, com uma bíblia ou um livro de dinâmica de grupos.

Ambas as políticas de cuidado com a droga, no entanto, operam por linhas morais. A moralidade que circunda a questão da droga não está fora dos diversos espaços de cuidado. Ela é ativa no campo e é permeada por linhas que atravessam todos os lados. Ainda que a redução de danos seja um projeto mais progressista no campo da produção de políticas de cuidado, como política de estado, ela vem de alguma forma regulamentar algo, perfis e sujeitos, padrões de uso, condições de vulnerabilidade. A execução da política ocorre onde estão os profissionais e os

sujeitos que compõem a rede de cuidado. Política que já está imbuída de verdades que surgem como efeitos das linhas que nos produzem como sujeitos no contemporâneo.

Imagens efetivam-se no movimento das linhas de cuidado que se compõem: o molar tensiona o micropolítico, por vezes tentando bloquear as linhas de fuga. A tríade molar da abstinência, os conteúdos menos observáveis da praça e do consultório, tornam-se uma efervescência. Disputas de verdades sobre o sujeito fazem do cenário um coliseu onde se digladiam usuários, profissionais de saúde e de segurança pública, políticos, pastores, padres e usuários que, ali espremidos, também afirmam resistências vitais. Há uma estética colocada em questão, uma modalidade de sociedade em pauta. A abordagem da abstinência se aproxima muito mais da perspectiva proibicionista da guerra às drogas e do ideal de uma sociedade sem drogas. Por ser ela uma política que aposta na ausência completa do uso para êxito no tratamento, logo pactua com a lógica de uma sociedade sem essas substâncias – como uma sociedade inteira em abstinência.

Por outro lado, a redução de danos também possui suas armadilhas. O uso regulamentar de psicotrópicos para condução do tratamento sugere uma redução de consumo ou uma substituição controlada, supervisionada. Ficando para a redução de danos uma perspectiva moral mais flexível, uma vez que, ao propor meios de controle do uso e não sua extinção, reconhece a impossibilidade de uma sociedade sem drogas. Observa-se, com isso, os efeitos da moralidade diante de determinadas substâncias: drogas legais não apresentam o mesmo rigor moral das drogas ilícitas, no que se refere ao uso e dependência. Na redução de danos há um maior nível de flexibilização do aspecto moral. Ainda assim, sustenta um cunho moral submetido majoritariamente ao modelo médico, centrado no problema da droga no corpo que usa e em suas variáveis biológicas, corpo ainda circunscrito por um manual de diagnóstico como doença.

Embora as políticas de *redução de danos* operem sob os indivíduos propondo a minimização de eventuais problemas provocados pelo consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, ainda assim, ela atua por meio da governamentalização do controle de si e dos outros, tangenciados por concepções que perpassam as

noções de vulnerabilidade, risco e tratamento, questões que se fazem presentes tanto nos discursos médicos quanto nos jurídicos, que são legitimadas pela ciência moderna.

Mas as linhas de fugas sempre encontram brechas, seja em uma partilha num grupo de ajuda mútua, seja num papo na rua, em cracolândias ou em um bar. Sempre existem formas do sujeito acessar alguma via que possibilite um reinventar-se. As linhas de fuga apontam mais diretamente para a criação, para a invenção da estética da vida. Linhas expressas de produção de novas territorialidades, poder-se-ia dizer.

As políticas de abstinência e de redução de danos colocam, juntas, em funcionamento estratégias de cuidado que operam concomitantemente no mesmo território. Programas de internação com exigência da abstinência e programas de redução de danos acontecem no mesmo território, sendo executados e financiados pelo mesmo Estado e, algumas vezes, no mesmo endereço.

A relação do sujeito com as políticas de cuidado, quaisquer delas, é por si uma continuidade ou uma modulação da política de redução de danos, uma vez que reconhecemos a impossibilidade de uma sociedade sem drogas, que a abstinência é ficção mal fundada. A noção de abstinência é, então, situada e operada em usos específicos a cada grupo que execute as políticas de cuidados. Em grupos de alcohólicos anônimos, não se regula o uso de medicamento, cocaína e maconha. Por sua vez, em grupos de narcóticos anônimos, não se tolera a ingestão de medicamentos sem receitas. Dessa maneira, o sujeito, em seu itinerário de cuidado, segue suas estratégias operando pelo que Foucault (2010) chamou de estética da existência.

Por estética da existência, há que se entender uma maneira de viver em que o valor moral não provém da conformidade com um código de comportamentos, nem com um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita. A estética da existência é uma arte, reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder. (CASTRO, 2009, p. 151)

O sujeito se produz, então, pelas próprias estéticas com o seu campo existencial. Assim são as danças das linhas circulando na produção de práticas de cuidado.

Sempre para além do consultório, para além do sujeito, para além dos tantos territórios que se configuram em praças, relógios e contrabaixos.

6.A casa verde

Havia uma casa verde, situada em uma esquina bem próxima à praia. Casa grande, com cinco quartos bem espaçosos. Era uma casa de praia, com grandes janelas, portas largas e uma varanda longa que corria toda a frente daquela morada. Estando em um balneário, havia muitas casas ali, poucos prédios. Nada além do que um dos tantos bairros e balneários que existem pelo Brasil. Por ser praia, era bem movimentado o lugar, especialmente no verão.

Justamente nesse bairro, abri um espaço para receber pessoas que apresentassem questões relacionadas ao uso de drogas e que desejavam ser internadas para se recuperar do vício. Um lugar de boemia, bocas de fumo e festas quase o ano todo. A proposta dos que vinham se internar era a de interromper o uso e entrar em abstinência. E assim foi-se montando o trabalho. Para me esquivar da questão centralizada na droga, fiz uso das mais diversas estratégias, principalmente em rodas de conversas, abordando os mais variados temas, buscando sempre escapar à questão das drogas em suas características clínicas definidas majoritariamente pelo saber médico de doença do *corpo com órgão* (MEHRY, 2009).

Outra motivação para a abertura desse espaço era uma questão institucional. Apostava que, não sendo um médico ou um religioso o gestor do local, poderia realizar atividades de cuidado de forma descentralizada, em relações horizontais entre os acolhidos e o estabelecimento. Por outro lado, entendia a vida pelos corpos que ela constitui em heterogeneidade de forças.

Assumi postura ética de sentir as modulações existentes entre eles – eles e sua família, eles e eu, eles e os equipamentos sociais à disposição do problema que eles parecem oferecer à sociedade. Estamos constantemente sob variações, modulando- nos. O que temos de contínuo refere-se às distâncias entre os olhares em que somos capturados sob as variações, as modulações e as suas intensidades. Trata- se de observar como a “verdade de uma variação aparece ao sujeito” (DELEUZE, 1991, p. 40) formando seus territórios existenciais, suas angústias, suas alegrias, suas dores.

Estabelecemo-nos entre grupos para combinar as regras da casa, em que se colocava em discussão absolutamente tudo. Em pouco tempo, decidimos rotinas e

acordos sobre as atividades da casa e, também, sobre os processos de cuidado. O espaço funcionava quase como uma república. Os moradores frequentavam a praia à frente, compravam pão na padaria, iam ao mercado local. Esses homens que se internaram não estavam internados: eram moradores e conviviam no bairro como tais.

A diferença é que não estão usando a droga em que se tornaram viciados. O curioso é que não tive nenhum relato ou presenciei nenhum surto de fissura. Havia entre os moradores um consenso quanto à vontade de usar (mas fissura, aquela de precisar colocar no soro, isso não tive em dezoito meses de trabalho na casa). Foram mais de sessenta pessoas que passaram por ali. A maioria permaneceu mais de um mês como morador.

Nenhuma crise de abstinência ocasionada por falta de crack, cocaína ou derivados. O alcoolista era o que mais suscitava preocupação no período em que atuei com esse projeto. De imediato, via cair por terra os mitos que envolvem a questão do vício, da dependência e, sobretudo, as características que são tomadas como sintomas, conferindo à dependência química um conjunto de traços, categorizando-a como síndrome.

Viciados, dependentes, loucos, bipolares... são decalques que se colam às modulações, que se fixam como representações de sujeito, tornando-se instrumento para a execução das práticas psiquiátricas, psicoterapêuticas e pastorais. Mesmo queoubessem esses decalques, eles não poderiam durar na lógica das relações que construímos, pois sempre escapávamos aos aspectos representativos que temos do que é dependência química, problemas com drogas, adicção, entre outros enquadramentos.

Eram corpos que chegavam e se aconchegavam no interior de um espaço de tratamento de sabe-se lá o quê. Chegavam codificados pelo CID, sobrecodificados pela droga que usavam: adictos, dependentes, marginais e marginalizáveis. O complexo pacote envolvendo os problemas com as drogas não escapa de se apresentar nos processos mais capitares das relações coletivas.

As abordagens com foco no corpo supervalorizam questões sobre o vício, a dependência, sustentando a ideia de ser a suposta doença da dependência química uma questão genética, orgânica, e centrando o problema no indivíduo. Tal discurso ganhou força com os altos investimentos em pesquisas que se dispunham

a tentar descobrir se existe algum cromossomo ou algum gene que evidencia a existência de uma disfunção orgânica chamada dependência química. Passando pela peneira do proibicionismo, percebe-se que é interesse das políticas de controle que se invista em provar que existe um problema no corpo que usa.

Passei a me interrogar, na casa verde, sobre o sujeito que se utiliza dos serviços de atenção a usuários de drogas. Quais são os elementos que o colocam a desejar tratamento? Quais critérios cada um adota para si no processo de busca de cuidado?

O que existe são complexas cadeias que se formam em torno do uso das substâncias químicas implicando, sobretudo, encontros e relações que se estabelecem nos lugares onde habitavam. Esse fato me fez pensar nos discursos que operam as abordagens direcionadas para o sujeito que apresenta dificuldades com o uso, tomando-o a partir da sua experiência para pensar os demais aspectos, escapando à ideia de haver apenas um saber sobre si, seja ele biológico, sociológico, psicológico, jurídico, religioso. Os saberes estão produzindo práticas e as práticas produzindo saberes. E tudo isso produzindo vidas, sujeitos, paisagens existenciais. O poder faz suas tramas, usa suas ferramentas, forma estratos.

7. Pelas linhas do proibicionismo

Era noite, dedos firmes pressionavam a engrenagem do isqueiro enquanto preparava o cachimbo pra fumar mais uma pedra de crack. O *locus* era um terreno baldio – local que, por definição, é infrutífero, inútil, que não “vale a pena”. Mas não se trata de um terreno vazio e, sim, de um terreno cheio de possibilidades que agora acolhia um sujeito que se escondia, cuidadosamente, para o consumo de algo que lhe trouxesse algum agrado, algum gosto, ou talvez um conjunto de afetos e perspectivas. Naquela noite, já depois de um dia de correria no trabalho, ele voltaria para a casa onde mora com outras pessoas que ama, ou com ninguém, ou até mesmo ficaria nesse terreno baldio onde pode ser que more. Fato é que se escondia para não ser interrompido pela polícia, criminalizado e julgado pelo seu hábito de “fritar uma pedra” no fim do dia.

Copo com gelo, mãos cansadas do ofício cotidiano. Sentado no sofá, outro sujeito bebe algo alcoólico enquanto seus familiares conversam trivialidades em frente à televisão. Dia tranquilo, uma “gelada” para relaxar e, depois, cama. O filho deste tranquilo pai de família enrola um cigarro de maconha em seu quarto e fuma ali mesmo. Sua família compreende suas escolhas e os vizinhos, ainda que se incomodem com o cheiro, não chamam a polícia, porque têm carinho pelo menino que viram crescer nos parquinhos do bairro.

Do gueto, da favela, do terreno baldio, passamos à sala de jantar e quarto familiares. No convívio social, substâncias químicas são consumidas por todos. Por razões específicas, algumas substâncias são proibidas, outras não; algumas são aceitas, enquanto outras não.

Becker (1980) defende que a relação que o sujeito estabelece com o uso de drogas está ligada, principalmente, ao conhecimento que tem sobre a substância dentro da semiótica social em que está inserido. Em um estudo sobre o histórico das drogas nas diferentes culturas, Escohotado (1989) demonstra as múltiplas formas com que diversas culturas se relacionam com as drogas e os valores sociais que determinada substância representa para cada cultura. Exemplos disso são os registros sumérios e os hieróglifos egípcios que já mencionam os usos medicinais do ópio. Assim também a papoula no continente europeu e o cânhamo para os chineses apresentam usos documentados para diversos fins, dentre eles

terapêuticos.

Ao sistematizar a história das drogas em diversas formações sociais, Escotado (1989) faz emergir um olhar sobre outras molaridades, torna visível outras sintonias. Com a comprovação de que diversas civilizações, inclusive a nossa, possuem íntima relação com drogas no seu cotidiano, a ideia de uma sociedade sem drogas produz linhas molares, individualizantes, homogeneizantes, que têm em vista um sujeito controlável, sujeitado. Mas a realidade é que existe uma relação de experimentação dos sujeitos com diferentes substâncias, com diferentes finalidades que, por mais que se proíba, não haverá erradicação.

O proibicionismo não faz emergir uma moral nova das drogas; ele se alia a elementos já presentes na nossa sociedade, ganhando forças para se estabelecer como formas de produzir sujeito. No século XX, o tema da droga assume lugar de destaque nas pautas mundiais. Sob pressão norte-americana, a comunidade internacional acaba por efetivar, na Convenção Única de Viena (1961) e no Convênio Sobre Substâncias Psicotrópicas (1971), as diretrizes que fundamentam as políticas sobre drogas da maioria dos países no mundo (MACRAE, 2001). A política proibicionista declara guerra às drogas. Com o avanço da proibição e da repressão ao usuário, a questão do sujeito que se encontra neste contexto ganha outros contornos, passa a possuir novos significados e constituem estigmas e estereótipos, definindo tipos de usuários, tipos de drogas e os locais em que devem ser consumidas.

O proibicionismo modulou o entendimento contemporâneo de substâncias psicoativas quando estabeleceu os limites arbitrários para usos de drogas legais/positivas e ilegais/negativas. Entre outras consequências, a própria produção científica terminou entrincheirada, na maior parte das vezes do lado "certo" da batalha, ou seja, na luta contra as drogas. (FIORE, 2011, p. 1)

A solidificação dos intentos proibicionistas se fez por inúmeros pontos que formam a teia social. A farmacologia, a medicina, a moral religiosa, o direito penal, cada um teve a sua cota de contribuição na forma como entendemos a substância psicoativa. A medicina, por exemplo, ao potencializar aspectos puramente biológicos, fortalece o discurso puritano de abstinência, desconsiderando questões socioculturais, com o claro objetivo de justificar um corpo sem drogas. Consolidase, assim, o modelo hegemônico atual no que tange ao controle sobre determinadas substâncias e, principalmente, sobre os sujeitos que fazem uso dessas substâncias (MACRAE, 2001; RODRIGUES, 2009).

Com olhar voltado para o corpo biológico e suas interações, o saber médico ganha força, delimita bordas, opera com o poder fortalecendo a ideia de que guerrear pelo tratamento é o mesmo guerrear contra o uso e, conseqüentemente, contra a droga. As ciências médicas constituem um forte aliado nessa perspectiva e têm, no corpo, “uma realidade biopolítica” (FOUCAULT, 2011, p. 405). Neste sentido, a medicina atua estrategicamente dentro da ordem política quanto às questões que envolvem o fator biológico, corporal. O diagnóstico de doença para descrever um certo tipo de uso, um certo tipo de droga é mais um dispositivo: torna o corpo determinável e, no caso da droga, o desviante da norma, patologizado e entendido como doente, passa a ser objeto de discurso médico especializado.

(...) essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 2008, p. 3)

Quanto à questão de controle da demanda e da comercialização, nota-se que o controle policial e estatal sobre o comércio age de forma distinta entre as classes. O controle policial nas favelas e zonas mais pobres são bem mais rígidos do que em outras zonas mais abastadas da sociedade. Isso traz à tona outros elementos que o proibicionismo apresenta: controle e estigmatização da pobreza e das classes menos favorecidas.

8.Uma japamala quando a rigidez se torna mais flexível

Vinha ele tropeçando nas palavras. Há dias na rua, viera conduzido pelo abrigo para moradores de rua. Apresenta problemas constantes com álcool, registra as informações coletadas pelo abrigo que o encaminhara. Relata não ter casa ou familiares. Solicita internação, não se sabe pelo quê. Pela fome, pelo frio ou pelo desejo de um banho ou, em último caso, pelo vício do crack e do álcool. As portas da rua nos colocaram para dentro dessa história. Foram alguns efeitos de forças que nos colocaram aqui. Ele bendizia o abrigo e os que o acolheram lá. Perguntei sobre ter sofrido violência. Ele fala que, fora as agressões da polícia, não teria outras para contar.

Rapidamente, dou uma olhada para o estado físico. Coberto de pó preto, pele reluzindo de suor, dedos amarelados com grandes unhas encardidas de sujeira. Erupções e marcas de queimaduras de cigarro na pele. Chinelos abrigando os pés só pela metade. Os olhos não se viam, pois estavam espremidos e inchados, escondidos por de baixo das sobrancelhas. Pergunto há quanto tempo ele estaria em situação de rua. Foi quando se acomodou na cadeira e pude ver o seu rosto de frente. O corpo já estava mais presente. Inicia contando que já teve problemas com drogas anteriormente e, por estes, fora levado ao grupo de Alcoólicos Anônimos, ficando sóbrio por muitos anos. Tornou-se devoto de Krishna e passou a compor o grupo dos Hare Krishna. Fala que não come carne e que carrega apenas sua japamala como companheira. Foi usuário de crack, mas considera que não ficou viciado; foi o álcool que tomou mais conta dos dias.

Assim, com o fio da japamala declino a conversa para o campo religioso, dialogando com os princípios da sua fé. Um campo de representação familiar a ele parecia um bom caminho para estabelecer um diálogo mais impessoal e menos estigmatizado. De lá, ele fala na linguagem de Alcoólicos Anônimos dizendo que não sabe mais como é “viver sóbrio” e afirma não saber mais ficar limpo e que, para sua vida, isso se tornou um dilema, uma vez que sua religião compreendia isso como uma violência a si mesmo. Desejava ficar limpo novamente e por isso estava ali.

Aproveitando o tema da religião dele, resolvi explorar a ideia de violência que ele trazia e a ideia de estar sóbrio ou limpo. Era uma via de diálogo com a vida que acontecia junto aos seus aspectos transcendentais, transversalizando o transcendente e o imanente num bate-papo. A construção de cuidado acontece então pela via dos acontecimentos, tendo na história do sujeito a criação de uma estética de cuidado, pela composição com as forças que são de certa forma familiares a ele, sem tomá-lo pelo seu uso ou fazendo do uso de drogas o fator que o torna o que ele é, ou seria. O que dizer sobre não violência? O que dizer sobre estar limpo? A limpeza do ambiente ou a limpeza do corpo pode ser um ato de não violência?

Pode-se tomar a questão da (não) violência, de ficar ou não limpo, no sentido mais banal possível. Do tipo: ficar exposto a ambiente sujo. O ambiente sujo pode ser um ato de violência também? Por nos expor a doenças que seriam violentas a nós? De uma simples alergia para uma sinusite, de um mal-estar para uma disenteria, atingindo portanto o corpo, produzindo variações nesse corpo, produzindo uma visível diminuição nas expressões da vida?

E, aí, a gente adocece. Não consegue fazer nada. Lembro de ter ficado assim com a casa suja, vivendo em lugares assim, muitas vezes por falta de ver, de perceber que o lugar estava sujo e de limpar. Quando tinha casa, isso acontecia com frequência. Me sentia morto. Com vergonha de sair. Em outros momentos, fiquei em lugares sujos porque não havia outros para ficar.

Enquanto ele preenche uma ficha, faço um pedido de espera e divago em pensamentos por uma definição rasa de corpo, de sujeira e de limpeza, tendo a (não) violência como elemento de fricção da vida. É preciso também não perder de vista o corpo que atende. Seria o corpo que atende parte desse prédio em que o atendo, ou uma visão do que esse prédio representa? Há aqui um conjunto de fios, de linhas de força. Tenho que escolher um caminho. Muito se escapa e muito me escapa.

Nas pistas deixadas pela narrativa dele, noto a formação de um território singular. As linhas da japamala já se organizam como as badaladas do relógio da praça. A sua vida é acompanhada de princípios norteados pela sua fé, nos remete à composição molar do território da sua vida. A japamala é uma marcação, na repetição de mantras que constitui as bordas que o compõem. Talvez por isso não

a deixe por nada. Seria uma mesma molaridade da praça que se fazia presente?

Retomo o raciocínio para o momento em que descrevia o efeito do espaço sujo no corpo que ali vive. E também pensei sobre os efeitos da diminuição da força vital, na proliferação de mazelas. Mazelas que levam a outras impossibilidades. À primeira vista, teríamos um corpo que sucumbe. Na sujeira que não esconde a alma *embolorada*, os mecanismos de luta estão em parte mortos, em parte lutando. O que tem de violento aí? O que tem de não violento?

Assim segue o ambiente e seus movimentos. Um corpo movente, mesmo parado, apresenta movimentos sutis naquele lugar. A sujeira não vem sozinha, algo já a trouxera, vem com outras tantas coisas que a fazem chegar. Num ambiente de (não) violência, o corpo não faz outra coisa senão colocar-se a lutar, teimar em viver. Teimosia expressa com a sinusite, a alergia, a pia suja, as erupções na face desse homem. E a sujeira se mostra ainda mais resistência que abandono, seria mais força que fraqueza, mais intensidade que falta. Os sentidos se tornam mais amplos ao olhar para a vida assim.

Densidades se formam encalacrando o corpo. Parece impossível, mas o corpo se move. O que me faz recordar o poema que diz “depois que um vento me fez frente, navego com todos os ventos...” (NIETZSCHE, 2012, p. 5). O que seria navegar com todos os ventos senão, olhar para as forças que se passam e saber-se levar por elas? Possuiria assim, talvez, um ar de aceitação, pois é preciso um pouco de sujeira às vezes. É notória a necessidade dela. Se não, restaria apenas um ambiente sufocante de tanta brancura e cheiro de água sanitária. É preciso andar de pés descalços e produzir lixas nos pés, uma casca produzida no contato com a sujeira à sola dos pés. A força do sujo também é a do limpo, não opostas, mas forças heteróclitas, forças heterogêneas entre si. Carrega cada uma, em si, seu código de diferenciação. São grandes essas forças ou correntes de forças, ou mesmo linhas.

E é dessa forma que a pequenina sujeira comporta a vida inteira. No ato de não limpar, há uma luta; no ato de limpar, outras lutas; e, em tantas outras forças de navegar, mais lutas. Atentar-se para a dor que faz frente, eis o desafio, para as forças que nos emanam dores. A dor que significa luta. Para navegar com todas as forças. A limpeza é a mesma face da sujeira. É plano de luta também. É espaço de forças. E, em dado momento, limpar parece uma boa alternativa.

O pequenino movimento de sujar e limpar parece comportar o mundo todo. É movimento que produz outros significados, refaz a ondulação do viver, faz assentar-se com um dançar desengonçado. Mas é nesse movimento que o corpo se relaciona com o que o circunda e com o que o atravessa, constituindo-o. Não há outras formas, não existem outros jeitos. O corpo é o coletivo do coletivo. Movimento é sua natureza. E, assim obedecendo rimas e filosofias, a vida dança. E a violência não será mais não sujeira. Violência será não dançar.

9. Abelardo Farias entre grupos de mútua ajuda e cracolândias: dois lados de um mesmo cuidado

Os amigos conversavam sobre Abelardo Farias, preocupados com o seu *processo loiô* de ficar limpo, e voltar ao uso logo depois. Tudo no prazo de 2 anos, ou de alguns meses. Mais cedo ou mais tarde sempre voltava para N.A; também sempre voltava para Cracolândia. Um dos seus companheiros falou que era óbvio o motivo de ele ser assim: seu pai era adicto e morreu por causa do uso. Ele era adicto – e, obviamente, nenhuma droga o deixaria viver em paz. Seu destino era a morte. Assim como o do pai.

Mas outro colega que estava ouvindo a conversa se meteu no assunto:

- Vocês não sabem? Jenézio de Araújo comeu ele em troca de droga. Está certo que já faz muito tempo, mas com certeza a razão de ele não conseguir ficar limpo é porque é viado e não admite. Aí ele usa drogas para dar sem culpa.

Entre a maldita genética e a culposa vida sexual, Abelardo Farias seguia seu itinerário. Atendia um cliente aqui, outro acolá. Resolveu ir a Sampa visitar seu amigo Carlinhos. Com esse amigo, conheceria os puteiros de São Paulo. Já fora cliente da Vila Mimosa, no Rio, agora queria conhecer a Terra da Garoa. Conhecer os grupos de N.A e os companheiros de lá. Abelardo gostou da ideia de conhecer a Estação da Luz, onde fica a Cracolândia da cidade. Teve vontade de usar. Pensou que poderia usar apenas aquele dia. Em pouco tempo, já na Estação da Luz, foi abordado por Jamanta, negro do tamanho de um armário, que disse:

- e aí, mano? Bagulho, óleo ou pó? Eu arrumo pra você.

Abelardo Farias não titubeou e pediu 10 pedras de crack (óleo). Gostava de fritar e de ficar trincado com o uso, ou seja, gostava de usar para ficar feio mesmo, como ele dizia. Mas Jamanta não era um aviãozinho da boca. Nem mesmo o dono da área, muito embora soubesse os caminhos. Era na verdade um mero morador de rua que viu no Abelardo a oportunidade de usar uma pedra. Foi acompanhando Abelardo até a quebrada – que era ali mesmo, onde se viam ruas e calçadas completamente tomadas de gente. Gente de todos os tipos. Todos fazendo parte desse complexo chamado Cracolândia da Luz.

Durante o uso, Abelardo Farias tira de Jamanta todas as informações possíveis do lugar. Como funciona, quem é quem, etc. Esse papo transformou o encontro em

uma amizade oportuna. Jamanta era um homem de fácil intimidade. Daqueles que conquista carisma logo de início. O apelido desse homem vem do tempo que fazia capoeira. Tempos bons aqueles. Vivia constantemente em grupo. Os comparsas da capoeira sempre juntos rodando os grupos da cidade para jogar e brincar. Sempre morou na favela, mas como os pais tinham emprego fixo conseguiu completar os estudos secundaristas. A capoeira era o seu amor. Amava tanto que dava aulas com dois anos de treinos. E assim seguia a vida. Mas agora permanecia mergulhado na Estação da Luz.

Abelardo Farias já estava na “Luz” há mais de uma semana. Já participava do time de futebol da quadra que tem na praça do bairro. Conhecia de tecnologia, fazia uns biscates para se manter ali. Tinha amigos que passavam e voltavam, alguns de longe como ele. Ele rapidamente operava como articulador das tretas. Mas aí ficou com saudade de casa, da mãe e dos amigos de grupos. Deixou o comparsa Jamanta para trás e com os ganhos de algumas tretas comprou uma passagem e voltou para casa.

Chegando em Vitória pediu ajuda aos amigos, porque queria voltar a ficar “limpo”. Sentia que viver em Vitória era viver em dois lugares. Um quando estava usando e outro quando estava sem usar. Angustiava-se em conviver com a mãe por muito tempo. Mas gostava de ficar em casa, do seu jeito, consertando computador e cuidando da casa. Os amigos do grupo já o viam como um grande exemplo em poucos dias. Já estava de novo operando pelo itinerário da vida limpa em sua cidade.

Estar limpo seria antes um território, um lugar para ficar. Tudo em segmentos distintos, a sala da casa tem íntima conexão com as salas dos grupos de ajuda mútua, sempre em prolongamento compassados em fluxos contínuos. Os seus clientes são seus companheiros e seu escritório é a morada de sua mãe. É “Uma nova maneira de viver” – diz a placa na porta do grupo. Abelardo Farias estava de volta para os grupos, para sua casa ou para uma de suas tantas casas.

Reunião cheia. Para falar é preciso ser sorteado. Na pedrinha de bingo o direito à fala estava disponível. Doze era o número de chegada de Abelardo Faria. Tinha que esperar pela oportunidade. E lembrou dos amigos da “Luz”. Queria juntar os amigos de lá com os daqui, mas sabia que não ficaria lá sem usar drogas e não conseguiria usar drogas com os amigos daqui. Segue ouvindo a reunião. Aos moldes da programação dos grupos seguem as partilhas; gente falando dos

problemas cotidianos; uma risada aqui outra ali. Uma reunião homogênea, a programação de doze passos da intensidade a um discurso uníssono, até que se sorteia o número de Luiza, uma recém chegada ao grupo. Esta era apenas uma anônima.

Falava de uma dor que não sabia definir. Entristecida, descrevia problemas tão mesquinhos que qualquer ser humano teria vergonha de dizer até mesmo de frente para o espelho. Houve um rasgo na monotonia das partilhas. Um silêncio absoluto rompido apenas pelas palavras gaguejadas de uma moça que chora enquanto continua a falar. Até a pessoa que passa com o cafezinho pisa devagar para não atrapalhar. O que dizia eram coisas pertinentes à vida, mas o que ela sentia era o que ressoava nos outros que estavam na sala. A vida fora da programação, fora da representação, onde as vias de afetos se afirmam, o sentimento de quem ouve se esparrama no desencadear de outras lembranças. Quem fala deságua em suas emoções.

Que fosse uma comoção com a morte de um passarinho. Que fosse a perda de um ente querido. Era o sentimento envolvido em Luiza que ressoavam de infinitas formas na reunião. Da fala de Luiza para as falas que se seguiram ocorreu uma mudança na homogeneidade da reunião; foram mais e mais falas carregadas de intensidade. Sente-se algo que não estava na programação, mas não estava de fora da reunião. Havia sujeitos partilhando e estabelecendo entre si cuidado com a vida. Abelardo, a essa altura, sente a bunda formigar na cadeira; se coça, pensa em sair para fumar, mas fica e ouve os companheiros que o saudam em seu retorno à recuperação. Reunião termina e Abelardo não falou. Não tem problema. Amanhã ele vai voltar e pode ser que tenha a oportunidade de falar.

Abelardo de Farias sai da reunião mais animado, um pouco aliviado por ouvir as partilhas. Era como se sentisse que as outras vidas, suas dores e alegrias, ressoassem dentro dele e assim elas ficassem mais leves de se carregar. Havia ainda a dificuldade de permanecer em abstinência, vez ou outra não se continha e vagava numa biqueira por aí. Abelardo, sempre que voltava a ficar limpo, era como se fosse a primeira vez. Havia zerado seu tempo limpo, agora teria que começar tudo outra vez. E assim seguia sem nunca terminar nada, estava sempre começando, sempre indo e voltando.

Percebeu que a nova maneira de viver tem um peso bom a carregar. Um peso que

dá um grande status. Ficar limpo nesses grupos é quase se tornar um exemplo de virtudes. Passa-se a ter patente de tempo limpo um, dois, três... Dez anos – em que cada idade limpo traz consigo um exemplo de brancura e virtude. Mas isso é apenas mais um decalque que a vida quer impor a ele.

Quando volta para casa, medita sobre os tantos ocorridos da vida, da vida limpo, da vida usando drogas, das tantas vidas que teve. Conclui que é inteiramente diferente viver quando se está limpo do que é viver usando drogas. Lembra dos conselhos dos amigos que o esperam na sala todas as vezes que ele vai usar. Mesmo que não tenham certeza de que ele vai voltar. Durante essa lembrança permite que um breve sorriso tome conta do canto da boca. Mas, em silêncio, pensa. Posso ter os dois, os amigos daqui e os de lá. Posso ser daqui e de lá. Posso inclusive ser tudo isso sem ser nenhum. E ri sem parar dentro do ônibus. E fala para si mesmo. Eu posso ser os dois. Dias depois soube-se que Abelardo Faria pegou um avião para Sampa.

10. Procurando droga na quebrada

Na quebrada, Berenice passa com olhos de gato, fitando os cantinhos escondidos à procura de algo que perdera. Mexe nas pedras, espalha lixos e entulhos. Abruptamente, um policial chega e aborda Berenice: “O que você está procurando aí, menina? É droga? Mãos para cima!” Berenice tenta explicar, mas o policial não a deixa falar. Começa e revistá-la cuidadosamente, devagar, apalpando em todas as nuances do seu corpo; Berenice estremece. Sabe que é noite, que está escuro e longe. Teme o que pode acontecer. O policial examina seus dedos, nota que estão amarelados. Acusa Berenice de ser usuária de drogas. Ela nega. Diz que os dedos amarelos são por causa de tabaco e que ela estava fumando. Perdeu seu remédio de dormir. Perdeu seu último comprimido e sem ele não conseguiria descansar.

O Policial desconfiado pega uma lanterna e começa a procurar. Ratos e baratas correm do foco da lanterna e, entre pedras e pedregulhos, o olhar astuto do policial identificou um ponto branco no chão. Curva-se para pegar e encontra um comprimido de clonazepam. “É esse?”, pergunta o policial. Berenice olha aliviada e fala que sim. Esquece do medo que tinha do policial e o abraça agradecido. Pergunta se pode ir embora. O policial olha no fundo dos seus olhos e pergunta: “Você tem certeza de que não usa drogas?”. Berenice responde: “claro que não, seu policial. Drogas fazem mal à saúde”.

11. Dirceu quebrando tudo no CAPS

Eram seis da manhã. Acorda com a boca colada com um gosto do que não se sabe explicar. Remexendo-se no colchão, Dirceu se lembra que tem vinte reais no bolso. Pensa desesperadamente que esse dinheiro pode pagar duas pedras de crack. O corpo fadigado após dias na rua sem dormir. Pensa que adoraria não usar, mas não consegue confiar nisso. Atribui ao seu corpo e a sua fissura uma força que considera incapaz de controlar. Já passara três dias na rua; não conseguia trabalhar; concluía que, se dependesse dele, seria impossível; pensava em conseguir alguma forma de “ganhar” a vida. Mas precisava ganhar a vida.

A produção de um corpo e de suas produções precisa encontrar uma certa territorialidade, precisa encontrar alguma conectividade – e Dirceu não estava fazendo conexões produtivas segundo suas perspectivas. Inserir-se no campo formal de trabalho, ter família, filhos, uma vida “normal”, era o que pensava. Fazia conectividade com o uso e um universo produtivo dentro desse uso de crack, fazia umas “correrias” para conseguir dinheiro, fez uma venda de pedra para o dono da “biqueira” e roubou umas mercadorias para garantir o uso. Fora isso contava com o dinheiro que os pais mandavam do exterior.

Função na vida não lhe faltava, produto de roubo também é produto, pensava Dirceu sozinho, “e também dei uma força na biqueira e garanti o meu”. Deu um cochilo, estava exausto; em pensamento sentiu que seu corpo estava embaixo dele. Vagava imaginando-se vivendo como os demais que conhecia e que não usavam drogas, que tinham uma vida aparentemente melhor que a sua; imaginou-se vivendo em uma igreja talvez onde pediria perdão a Deus e seguiria seus preceitos sem reclamar da vida; pensou em ir para o exterior e ficar perto dos pais longe da “doidera”.

São valores superiores, pensava, valores mais fixos, óbvios, que não precisam ser explicados de tão óbvios que são. Seria necessário apenas seguir a palavra de Deus - e para Dirceu isso parecia muito interessante, seu espírito questionador precisava de uma molaridade, de um pouso mais rígido onde ele pudesse encontrar mais previsibilidade, mas teve pouca crença nisso. Pensou em procurar uma internação nessas comunidades terapêuticas religiosas, coordenada por pastores, mas lembrou que Zezinho, seu amigo que já estivera em várias dessas

comunidades terapêuticas, conhecia a bíblia de traz para frente, mas mesmo assim sempre voltava para biqueira.

Como se seu pensamento buscasse a imagem de uma resposta perfeita, procurava soluções cabíveis para sua dor como se instintivamente tivesse que ir atrás de algo que lhe faltasse. Como se algo lhe faltasse – seja força, vontade, desejo, caráter ou dignidade. O máximo que conseguia realizar era uma percepção de que no fundo não desejava molarizar suas conexões; desejava era se levantar e comprar mais duas pedras com aqueles vinte reais que estavam em seu bolso. Sentia todo seu corpo se iluminar com aquela ideia. Os efeitos das últimas já esvaíram-se do seu corpo. Era hora de pegar mais. Mas voltou a ficar inconformado. No seu leito, cinzas e queimaduras de cigarro por toda extensão do colchão. Mesmo há dias sem banho, podia notar o odor vindo do lençol que cobria a cama; era uma visão que apagava sua energia corpórea e o deixava inerte: aquele cheiro sufocava tanto que não o deixava pensar.

Lembrou-se do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que atendia pessoas com problemas de drogas. Disse que lá não exigiriam que parasse de usar, como fazem as clínicas de internação e as comunidades terapêuticas. Lá havia médicos; poderia, quem sabe, tomar um remédio que o ajudasse. Achou que essa seria uma via mais flexível para atenuar sua dor; sentia cólica quando pensava que ao se levantar não faria outra coisa a não ser ir na biqueira passar mais um dia fritando pedra. Num ímpeto levantou-se e foi, sem racionalizar muito, para esse lugar que lhe pareceu mais viável do que se internar. Zezinho já demonstrara que isso não solucionaria seu problema. E foi marchando para lá.

Chegando lá foi até a recepcionista, senhora que estava por de trás de um vidro, de cabeça baixa, escrevendo em um papel. Aquele vidro refletia sua face, refletia um desespero, pulsavam muitas coisas no seu corpo, pulsava uma sensação de força, uma força esparramada, linhas de fuga atravessavam-no. “Bom dia, preciso de atendimento”. Falava com rigidez, com os dentes crispados; as linhas de fuga eram majoritárias; queria estar ali, queria uma territorialidade mais previsível, uma conexão médica; já não sentia-se operar por outra forma a não ser pela do desejo de uso. “É a primeira vez que vem? Vai precisar passar pelo grupo de acolhimento e o psicólogo que não chegou ainda”. Vibrava na força da pressão; custara muito se convencer a ir ali; temia mudar de ideia, sabia que não parava muito tempo no pensamento de novas iniciativas, toda sua vontade era constantemente dragada

para o consumo da droga que usava. “Não, minha senhora, eu preciso ser atendido agora, estou com vinte reais no bolso, se não for atendido vou usar droga com esse dinheiro, vou ficar mais vários dias usando e não vou mais conseguir voltar aqui”. Notava-se que havia muita vontade nesse corpo, e não falta, havia sempre pontas soltas que desejavam conexões mas, devido à celeridade das linhas de fuga, as novas pontas de conexões são tão efêmeras que, em um relâmpago, mudam de lugar.

Esse era o medo de Dirceu: o medo dessas pontas sumirem e o conectarem à biqueira novamente. “Infelizmente terá que esperar”. A senhora falava de um campo de organização lógico para ela, o campo das regras coletivas, do tempo de atender, do tempo de trabalhar, era óbvio para ela isso, há anos funcionava assim sem se questionar; o vidro grosso da recepção enrijecia a possibilidade de uma conexão com Dirceu: ele na sua funcionalidade, ela na dela. “Eu vou ser atendido, a senhora quer ver? Não vou sair daqui sem ser atendido!”

Virou-se, pegou uma cadeira e jogou no vidro que, de tão duro, apenas tremeu com a pancada. “Eu sou dependente químico, preciso de atendimento se não vou voltar para biqueira, não vou sair daqui sem ser ajudado!” Ao se nomear como Dependente Químico, fez mais do que espernear: fazia uma ligação sutil com o modo de entenderem o que sentia, seus gritos estavam justificados, anunciava um campo simbólico definível importante para aquele espaço, importante para ele; apostou que essa palavra o situaria em algum lugar e precisava de um lugar, não cabia mais ao seu corpo a intensidade das linhas de fuga – elas são muito aceleradas e não dão a ele tempo de funcionalidade.

O sujeito que pede tratamento agora não é o mesmo de daqui a pouco, tomado pelas linhas de fuga, forças que operam dando sinais de molaridades duras ou até mesmo moleculares flexíveis que não são toleradas.

Sempre as solicitações de tratamento ganham formas representacionais. Nomear-se dependente químico é uma delas – foi o mais próximo de um território que Dirceu esteve naquela manhã. Não se sabe se o grito, a cadeira voando ou o nome Dependência Química, mas de repente uma psiquiatra apareceu na recepção, junto com o segurança do espaço. A psiquiatra segurou o braço do segurança que já levava a mão na cintura numa clássica busca por sua arma.

Uma disputa de poder tomou conta da ação. “Eu preciso de ajuda, estou no fundo

do poço, não tenho para onde ir”. Havia a necessidade de abordar aquele sujeito, ele se expandia no espaço em gritos e vociferações. A psiquiatra falou “deixa comigo”; o segurança a olhou desconfiado, parou um pouco e pensou que uma mulher não teria força para segurar Dirceu. Tudo o que aquele segurança sabia era conter, segurar, prender. O estabelecimento do controle era tudo o que a situação exigia, era essa a visão dos três: o Dirceu, a psiquiatra e o segurança. Mas cada um trazia consigo sua representação de controle: o segurança já estava para acionar a polícia, a psiquiatra chamou o enfermeiro para medicá-lo e Dirceu procurava ouvidos para se conectar.

O campo armado policial exige uma truculência demasiada para os intentos do Dirceu, fazia emergir um corpo social policialesco condizente com a guerra que diuturnamente é travada contra a droga. Ao segurança não restava dúvida: aquele corpo era um corpo terrorista, era um homem-bomba que explodiria todos ali e em segundo todos iriam pelos ares. Conteve seu ímpeto heroico de salvar a todos pois, de alguma forma, aquela moça de jaleco branco exercia mais força e poder naquele território. O enfermeiro chegou e Dirceu via a eminência de ser contido e dopado, pois na mão do enfermeiro havia uma seringa e por de trás dele o segurança e mais outros enfermeiros.

Pensou em fugir, seu corpo não queria mais outra droga, seja qual fosse, também o suor que lhe escorria fervia na pele esquivando-se da ideia de ser assujeitado pela força. Demandava por territorialidades, mas não deseja ser capturado, roubado de seus movimentos de força autônoma; estava sufocado de forças reativas, queria linhas ativas que o territorializasse. Refugou diante do enfermeiro e disse “não precisa disso – falou apontando pra seringa – nem disso – agora para a arma –,o que me coloca dentro desse espaço é isso – elevou a mão apontando para os ouvidos”.

Abordar um sujeito exige um quanto de sensibilidade artística; seu corpo não estava dado, as linhas de forças que ali se apresentavam se tornariam inúteis se fossem usadas pela representação estabelecida de cada um. A captura do sujeito pelas representatividades precipitava a morte da autonomia de Dirceu – Zezinho, em sua experiência com a bíblia, já o ensinara isso. As mais diversas formas de tratar dependentes químicos apoiam-se em suas representações transcendentais morais religiosas e/ou científicas. Mas por alguma razão elas existem e de alguma forma elas permanecem sendo exercidas. A sensação de descrença voltou a

Dirceu. “O que estou fazendo aqui? Isso não vai adiantar nada.” Aquele fundo de poço que vivia não era o fim, mas sim a máxima intensidade das linhas de fuga; nesse processo o sujeito acaba por pedir um certo grau de representatividade, mas não é essa representatividade que soluciona suas questões: elas são dispositivos que, em algum nível, encontram uma ponta solta deixada pelas linhas de celeridade e assim conectam com um quanto de potência ativa.

Dirceu pede representatividade, esvaziado de crença, mas cheio de desejo: o desejo que se torna combustível e que conseqüentemente produz mais desejo por uso. A intensidade desse movimento, entretanto, produz invaginações, possibilitando outras formas atraentes ao desejo. A psiquiatra nota a possibilidade da fuga, pede para os enfermeiros se afastarem junto com o segurança, aproxima-se e chama Dirceu para entrar no consultório. Já dentro do consultório, Dirceu bebe um copo de água e relata sua dificuldade em viver com ou sem drogas. Para ele é insuportável continuar usando, mas impossível se ver sem usar.

12.Quanto custa a liberdade

Jeferson já estava há mais de dezoito meses esperando julgamento. Foi preso quando portava quatro trouxinhas de maconha. Com apenas vinte e dois anos de idade, era um jovem negro que de certa forma seguia com normalidade o processo de amadurecimento social, migrando das fases da vida conforme a meta social. Com vinte e dois anos já completara o ensino secundário e trabalhava como office boy. Tudo normal. Morava em uma “invasão”, em prédio invadido por população de rua. Mas como foi há muito tempo invadido, Jeferson nem era nascido nessa época. Nem ele nem seus colegas vizinhos. Jeferson resolveu pegar umas buchas de maconha para umas amigas, antes de se encontrar com elas na porta de um show de reggae. Foi no seu amigo e vizinho e pegou a encomendas das meninas; desceu a ladeira correndo com o coração saltando pela boca, estava ansioso pra encontra- las; tudo pra uma noite fantástica.

Ao final da descida, sai de frente com uma viatura da Polícia Militar; não se assusta, sabe que é morador da região, todos o conhecem e ele nunca está metido em confusão. Além do mais, como qualquer trabalhador, tem o direito de sair pro Reggae de vez em quando. No entanto não foi como ele pensou. A polícia parou e o abordou. Foi mandado ir para parede, estava tão seguro de si que tinha deixado a maconha nos bolsos e não deu tempo de jogar fora, ficando, assim, fácil para a polícia encontrar. E agora? E a mãe dele, que nem sabe que ele fuma cigarro, quanto mais maconha, como vai ficar quando souber? O pânico se instala em Jeferson. O policial faz uma revista superficial e encontra a maconha. Jeferson foi preso em flagrante com quatro buchas de maconha enquanto ia para um show no final de semana. Foi algemado e conduzido para delegacia.

Depois de dezoito meses ele assiste na televisão o Ministro do Superior Tribunal de Justiça falando sobre “Audiência de Custódia”: uma nova lei para tentar garantir que a pessoa não fique mais de seis meses esperando julgamento. O preso tem garantido esse direito (OLIVEIRA, 2015). Ele já estava o triplo disso na cadeia. Não tardou ser chamado para audiência de custódia: uma audiência breve para tratar do seu delito e da pena que terá que cumprir. Seu problema era associado às drogas:

como flagrante delito ele foi autuado como traficante, sem direito à defesa por dezoito meses. Quando foi autuado como traficante, Jeferson sentiu seu corpo

jovem de trabalhador se transformar num corpo destituído dos atributos pessoais que possuía, ou achava possuir; sob a alcunha de traficante viveu a eminência de não ser mais dono de sua vida. Sua vida assim como de milhões de jovens enquadrados como traficantes estão à mira da agulha de um fuzil pronto para disparar e retirar definitivamente qualquer ligação desse corpo com a vida.

Seja na cadeia, seja na rua, traficante não tem direito à vida. E Jeferson sabe bem disso, sabe por que alguns amigos de infância foram mortos a tiros pela polícia e, por serem traficantes, ninguém tomou partido de suas vidas. “Bandido bom é bandido morto”, relato do vizinho; “morreram hoje três adolescentes em confronto com a polícia no centro da cidade. Mas todos eram traficantes”, diz a manchete do jornal. A pena de morte é oficializada pelos meios de comunicação com a anuência da população. Mas hoje já havia sobrevivido ao pior. Estava frente ao Juiz para ter julgada sua pena.

O Juiz pergunta se o Jeferson é viciado em drogas. Jeferson diz que é usuário de drogas e que precisa de tratamento (por orientação de o seu advogado, dizer isso ajudaria a transferir sua pena para uma clínica de recuperação). Nas audiências de custódia, tudo que o Juiz deseja é dar andamento ao processo e de preferência fora da cadeia. Associar o Jeferson e todos seus comportamentos delituosos ao vício de drogas era o mais conveniente a esse magistrado. E justifica sua decisão: “então determino que cumpra o restante da sua pena em clínica de tratamento para dependentes de drogas. O Senhor será monitorado por uma equipe do tribunal e, se cometer alguma ação delituosa no período do seu tratamento, terá que voltar para cadeia para cumprir o resto da sua pena”.

Jeferson saiu da audiência direto para uma Comunidade Terapêutica. Usaria tornozeleira eletrônica mas, como não havia nenhuma disponível, a dele demoraria um tempo para chegar. Na primeira semana planejou uma fuga. Há dezoito meses sem ver a rua, Jeferson estava doido pra dar uma fugida. Seu amigo de quarto era o Abelardo Faria e ele conseguiu cinco reais para comprar uma bucha de maconha. Jeferson topou a missão na hora e, às quinze horas, pulou pelo muro dos fundos e partiu em carreira em direção à boca de fumo mais próxima. Estava em êxtase, sentia o cheiro do mato que crescia nas calçadas das ruas, o vento no rosto, de peito aberto passou em frente a uma boca e, ainda correndo pra não perder tempo, perguntou: “tem uma bucha de cinco aí?”, quando o menino da boca respondeu que “não, mas daqui a duas esquinas tem. Passa lá”. Sem parar de correr, Jeferson

percorreu mais outras tantas bocas de fumo. Depois que passou por todas da região, voltou para clínica de mãos vazias, mas radiante de alegria pela aventura que tivera.

Ao voltar, o monitor, funcionário que supervisiona o comportamento dos internos, registra quebra de regras e estabelece a ordem no espaço. Já esperava Jeferson com a alta administrativa para mandá-lo de volta para cadeia. Foram longas horas de conversa com o monitor da casa até que foi concedida uma última chance – mas, se descumprisse qualquer regra ele retornaria para cadeia. Ficou sem ter direito a assistir televisão como punição ao descumprimento das regras. Casas de recuperação seguem os mesmos modelos punitivos da cadeia: estava de bom tamanho os castigos, afinal era só ficar dois anos ali e estaria livre em breve.

Muita rotatividade de internos, sempre um chega e sai no mesmo dia. Num entra e sai desses, Jeferson viu Dirceu chegar. O cara era um graveto de pau e uma cabeça em cima do pescoço, deu pra vê-lo se despedindo da esposa e entrando de cabeça baixa pro quarto. Era o mesmo do dele. Estavam no mesmo quarto: Abelardo Faria, Dirceu e Jeferson.

Seis horas da manhã, reunião matinal com o Conselheiro de dependência química. Dirceu chega atrasado e vira o azarado da semana, pois caiu na implicância do monitor, que não tolerava atraso e por isso já pegou birra com ele. A reunião tratava sobre o primeiro passo de Narcóticos Anônimos; lia-se no quadro o enunciado: “Admitimos que somos impotentes perante a adicção e que nossas vidas haviam se tornado incontroláveis”. Com muita atenção Dirceu ouvia o Conselheiro e sua explanação sobre o tema. Era sobre sua potência que estavam falando. Mas como sempre era uma falta dela que se configurava.

Ao acabar a reunião, o monitor distribuiu as tarefas. Para Dirceu, recomendou lavar os banheiros, serviço que ninguém gostava. Eram muitos banheiros e até meio dia tinha que terminar por conta do almoço. A perseguição a Dirceu na CT era explícita e incomodava os demais internos. Havia consenso de que esse monitor era um verdadeiro carrasco, não perdoava ninguém. O único que teve esse privilégio foi Jeferson, perdoado pela fugida. Mas só por essa vez. O tempo passou rápido e o almoço já estava na mesa.

O monitor passou chamando todos menos Dirceu que estava dentro do banheiro. Por coincidência, ele terminou de lavar o último banheiro bem nesta hora. Lavou as mãos e saiu a tempo de ver o último interno sentar-se à mesa. Dirceu foi andando

tranquilamente para mesa quando foi interceptado pelo monitor, que saiu dizendo: “o senhor está atrasado para o almoço, não poderá mais almoçar. Não toleramos atrasos aqui”. Um silêncio sepulcral se fez no refeitório.

Dirceu com os olhos flamejando de ódio, segurou o choro e foi sentar-se no pátio. O Monitor se sentou com um sorriso nos lábios. Jeferson cerrou os punhos segurando o garfo e a faca e olhava com faísca nos olhos para o funcionário. Achava que quando mudasse de traficante para paciente em tratamento ele iria ter algum direito à vida, pelo menos um. A tornozeleira eletrônica chegava a pinicar na canela lembrando que não podia ser verdadeiro na sua ira. Então, em silêncio, levanta, pega uns pães que estavam no centro da mesa e leva até Dirceu e depois volta para mesa enquanto permanece fuzilando o infeliz com os olhos.

13.O pensamento sem imagem de Dirceu

“Ele (o Corpo Sem Órgãos) é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao corpo sem órgão não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, ele é um limite” (Deleuze; Guattari, Mil Platôs 3 capitalismo e esquizofrenia, 1996)

Já ia alta a sessão da União do Vegetal; o efeito do chá hoasca já se manifestava em toda sua intensidade no corpo de Dirceu. Fora levado para tomar por Abelardo de Faria. Dirceu tentava definir o que estava sentindo. Tentava associar o efeito do chá com algum tipo de droga que já havia experimentado, mas por mais que tentasse não percebia nenhum paralelo com outras experiências. Às vezes achava que se assemelhava com a maconha, outras com os efeitos do álcool, mas por fim concluiu que não se tratava de nada parecido. Havia diferença na percepção das cores e a sensação visual era de que o tempo passava devagar com as coisas se movendo mais lentamente a sua frente. Seu corpo estava se revirando por dentro; o ar lhe faltava; sentia-se drogado e se perguntava se aquilo não era só mais uma droga. Quando fechava os olhos, concentrava-se em um universo de sensações. Era transportado para além dos seus pensamentos. Havia nele uma constante tentativa de organizar seus pensamentos, raciocinar de forma linear, mas não conseguia. Pensou na esposa, nos filhos, nos seus lugares na vida. Toda vez que conseguia focar nas suas questões, que eram muitas e que pipocavam por todos os lados em sua mente, era tomado por uma angústia, por uma tristeza, e chorava, não importava o tipo de pensamento. Era só o pensamento parar em algo que o corpo se remexia e o ar faltava. O pensamento fluía durante os efeitos do chá, não cessava. Focava em algo, aquilo ganhava forma, força e peso, era o pensamento preso, a memória presa, fazia uma imagem mental daquilo, um filme se formava em sua cabeça e todos os significados daquela imagem comprimiam seu peito. Era incrível como a menor das lembranças estimulava análises profundas e instintivamente buscava organizar o seus entendimentos e suas lembranças. Mas a força do pensamento que fluía era grande e logo ele desfalecia na cadeira, mudando seu foco. Um turbilhão sem fim era seu pensamento. Atordoado, abre os olhos e observa que muitos outros estão na sessão com cara de angustiado, chorando, revirando-se na cadeira. Vê que, seja lá o que estivesse ocorrendo com eles, não é só com eles: ele também estava lutando consigo.

Procurando escapar àquele sentimento, olha para a vegetação no entorno, olha para um bambuzal que faz brotar pelos seus rizomas um bambu aqui, outro ali. Por breve momento sente um bem-estar, divaga sobre as belezas da natureza, esquece de si, mergulha na superfície da terra e se sente como ela. Mais do que imaginar, ele vê. Enxerga um fluido denso e gosmento sair da sua testa, misturando-se com a terra, com a vegetação, com o ar. Não tem imagens fixas na cabeça como se a conexão desse fluido com o entorno dispensasse imagens fixas; só cabiam movimentos, modulações, construções estéticas mutáveis, mas os pensamentos não param.

Procura manter-se nesse sentimento de bem-estar e volta a lembrar de casa, do trabalho que não tinha, do pai que não era – e a imagem do que acha que deveria ser o sufoca novamente. “O que me dói é a imagem fixa do pensamento”, conclui. “Imaginar o ser que deveria ser me sufoca”. Como caixas hermeticamente fechadas, cada imagem que o pensamento criava se materializava no espaço; via claramente tudo aquilo fora dele. Nenhuma daquelas caixas o representava. Uma ou outra ressoava nele possibilidades de conexões e de relações possíveis, mas certamente ele nunca caberia dentro de qualquer uma delas.

Mas por mais incoerente que fosse ele sentia desejo de se incluir dentro das caixas, queria ser idêntico às formas das caixas. Seu pensamento se fixava na ideia de ter que caber ali; notou que isso era doloroso e que não pensar era impossível, mas de alguma forma poderia se esquivar das imagens do pensamento, poderia fluir com outras perspectivas. No fluido que saída de sua cabeça viu, enfim, a ausência da imagem do pensamento. Não pensar era impossível, mas por momentos o seu pensamento não tinha imagem, ele era fluido como o vento. Passara a ver o vento. O vento coloria o espaço, ele deitava os olhos no vento que, por sua vez, não tinha imagem definida: o que via era um riscar constante de cores no ar. Um estado de graça o envolve. “Deus é o pensamento sem imagem, para estar com Deus devo me despedir de mim sem deixar de existir”. Concluir isso foi fácil pra Dirceu, pois as imagens que seu pensamento trazia eram tão assustadoras que abrir mão daquelas imagens fora a única saída. Pensava em tudo que deveria ter sido, em tudo que não deveria ter feito; lembrou-se das instruções do seu pai. Seus pensamentos giravam no seu entorno; sentia-se como um camelo sobrecarregado de bagagens caminhando no deserto escaldante. Vira que, ao focar na vegetação e na dança das cores em sua mente, as bagagens do “tu deves” desapareciam. Tu deves ser

pai, profissional, cidadão. Tu debes ser cristão, tu debes parar de usar drogas; infundáveis são os “tu debes”. Era a volta da imagem do pensamento. É flagrante como tudo se move e o hábito de manter preso o movimento o traíra de tal forma que, mesmo mergulhando no fluxo das cores e dos pensamentos sem forma, sempre voltava a prender a memória em algum ponto. Para não cair nas angústias das imagens fixas e duras, fazia força para o pensamento fluir; sentia-se um leão a urrar por novas conexões e, em breves momentos, relaxava e dormia como uma criança. Um sono breve, porém tranquilo.

O mestre da sessão pede a palavra e começa a pregar sobre os princípios da doutrina. Dirceu não se incomoda com isso, nota que o mestre traz consigo uma mensagem estrangeira ao próprio mestre – é mais uma tentativa de significar o que vivera na sua experiência com o hoasca.

Para Dirceu era mais uma experiência com outra droga, essa o movia em outros termos, em outro tempo. A figura do mestre não representou para ele algo ofensivo, muito embora sentisse que de alguma forma o mestre tentasse nomear em linhas gerais o significado daquela experiência que teve. O mestre falava por si, mas atribuía a condução da doutrina a um mestre oculto que ele mesmo denominava como “O Mistério”. Era “o mistério do vegetal”, assim o definia o mestre. Dirceu gostou de pensar que era um mistério, assim poderia conter a singularidade da sua experiência em si, sem precisar se tornar “Um” com o todo pré-definido. Como usuário de Crack, tornou-se drogado, morto-vivo; com o uso de cocaína, tornou-se o viciado problema; com a maconha, o preguiçoso; agora com esse chá era discípulo do mistério. Era singular, sentia esta definição como se fosse mais sua do que as outras. O - tu debes ser limpo de drogas - ganhava novos sentidos, pois impregnado de hoasca chegava a construir outra lógica para seus sentidos; fizera um exercício totalmente novo de experimentação com esse alterador de humor. Não se via mais necessitando de uma lógica universal, poderia construir seu corpo por essas experimentações; mais do que isso, viu que não tinha problemas com essa ou aquela substância, mas que de certa forma era um corpo que se produzia nos encontros com certas substâncias que não lhe aprazia em determinados momentos.

Passou a pensar que cuidar de si era mais óbvio do que pensara. Não tinha mais que buscar a resposta: aprendera a fluir com todos os ventos.

14. Leonardo pula pela janela

Leonardo não queria ser internado, seu pai não o queria na rua. O Leonardo está usando drogas de mais, furta objetos da mãe e do pai. E como vai fazer para interna-lo se ele afirma que não quer se internar? Do outro lado da cidade, outro Leonardo grita com o Pai para que lhe dê as chaves do carro. O Pai se nega. Leonardo sentencia: “se não me der as chaves, eu pulo pela janela”. O pai foi firme na sua decisão e não entregou. O Leonardo que grita com o pai se joga do terceiro andar do prédio e cai em cima de um carro que estava estacionado à frente do prédio deles. Enquanto isso o pai de Leonardo, que não queria internar, chamava uma Equipe de remoção. Vão internar Leonardo à força. Os pais acionam o advogado, conseguem um laudo médico e chamam a remoção.

Em poucas horas Leonardo está dentro de uma ambulância, babando, dormindo com a cabeça caída para trás. “Para onde vamos leva-lo, doutor?” Pergunta o chefe da remoção. “Espere um pouco mais que estou tendo problema em achar vagas”. Nesse meio tempo outra comunidade apareceu como alternativa, lá eles aceitam o Leonardo, que a essa altura passava no ponto mais profundo do sono induzido pelos medicamentos aplicados pelos homens de branco. Naturalmente Leonardo tentou fugir, sujeito alto, forte e obstinado por estar livre. Trata-se de um homem que está lutando pela sua liberdade. Agora está preso – e é interessante como a culpa e a punição de ser preso cai sobre ele. Ele só foi dopado porque não aceitou; foi forçado pelo pai que o queria em tratamento para problemas com drogas. Em poucas horas Leonardo foi diagnosticado, incluído em um processo de judicialização e preso em uma casa de recuperação para drogados.

15. Como se chega a ser um rebanho: Comunidade Terapêutica

O terminal rodoviário intermunicipal, às 7 horas da manhã, é um mar de desavisados perambulando entre si numa mistura de cheiros, que invadem as narinas desentupidas e boas para cheirar. Xampu, perfume, desodorante, além dos salgadinhos e do cafezinho que exala um odor torturante para os que saíram de casa com fome, ou para os que já na rua estivessem sem comer. Estufas suadas com coxinhas, ambulantes com seus badulaques coloridos sendo perseguidos pelos olhos das crianças, e crianças que seguem no colo das mães. Para entrar em terminais é preciso pagar o preço da passagem. Esse preço é muito alto para alguns: da estatura da dificuldade que cada um tem para ganhar 1 real. E para ganhar esse real, muitas vezes é preciso malabarismo. Aventurar-se em um terminal rodoviário é um desses. Entramos nos ônibus arrastados pelos passageiros que se espremem na esperança de conseguirem ficar em um bom lugar.

Existem filas mas, na ansiedade de se ver lá dentro, os passageiros se acotovelam de tal forma que, perto da porta, forma-se uma fila quádrupla onde só há espaço para duas. E assim o ônibus vai confrontando as leis da física e o inimaginável acontece. Todos conseguem entrar. Quem entrou no ônibus nessa hora fatal deseja mesmo realizar uma relaxante expiração de alívio. Mas a essa hora, nesse ônibus, só respira quem está sentado. Em pé, a respiração é “prânica” e dispneica. Segue em frente o ônibus. Vamos seguindo dentro dele. É preciso ser artista na vida e sair de casa para ganhar o dia. O script ainda está por se fazer e o dia sempre reserva muitas surpresas. Aliás, ouve-se dizer: ganha-se um dia de cada vez.

Para se safar do total desconforto, a vista da janela é um bálsamo. Esse ônibus passa pela BR-101 e um grande campo verde com formações montanhosas vai ganhando o lustroso brilho do sol. Revela-se uma imensidão verde com muita pastagem. Mangueiras, pés de Jenipapo, bananeiras, goiabeiras... são tantos pés de fruta vistos no caminho! Como pode tanta gente ter fome? Na pastagem via-se uma imensidão de terra exclusivamente destinada a um ou outro boizinhos que por ali pastavam. O resto deve se encontrar no curral, foi o que pensei, pois não é possível que tanta terra assim sirva apenas para um boi! O ônibus dá uma brusca freada e, descontentado, um passageiro grita para o motorista: “ôô, rapaz! Você

não está carregando boi, não!”. Apesar de entender o motivo da analogia, achei discrepante ouvir isso enquanto me encontrava espremido e em pé, num ônibus olhando um boi pastar em vastas terras. Mas o próximo ponto seria o meu. Já avistava um velho viaduto que era a minha referência para a parada. Ao descer, recolho-me ao acostamento e desço a ladeira que tangencia a BR. À frente outro pasto. Dessa vez com mais bois e vacas. Um homem a cavalo toca o gado para o curral. Vi como eles se afunilavam na entrada do curral, fazendo filas de quatro pessoas onde só havia espaço para dois. Senti uma empatia por eles e um pouco de inveja, afinal esses bois não se sabem bois, muito menos bife. Já aqueles do ônibus, do terminal e de agora, não se esquecem de lembrar quem são. E ao mesmo tempo não o sabem. Porém muitas vezes sentem-se mais gado do que gente.

Descendo essa ladeira vivificam outros odores. Cercas de arame farpado, cheiro de terra seca, mato e logo adiante a entrada de uma CT. O seu pátio principal beira a semelhança de uma fábrica de cimento. Em um panorama amplo se via um prédio com quartos de pessoas que estavam “morando” ali, ou Residentes – um dos muitos nomes dados aos clientes desses espaços. Esses quartos recebem o nome de módulos. Mais acima, outro módulo que serve de escritório e, em um platô mais alto, um salão de reuniões onde se realizam cultos religiosos, além de uma grande cozinha que faz vizinhança com esse espaço de reuniões. Havia também uma oficina, um caminhão, uma Kombi e um carro de passeio. Por de trás de tudo um grande barranco íngreme emoldura a Comunidade Terapêutica, com mato e alguns pés de fruta, entre elas mangueiras, jambos, bananeiras, maracujás e uma tímida horta abandonada.

Esse espaço é um espaço de caridade, recebe pessoas que apresentam dificuldade em continuar vivendo consumindo drogas e se propõe a ajudá-las a viverem afastadas das drogas. Logo na entrada via-se uma placa com os dizeres: “Diga não às Drogas”. Essa frase é marcante. Foi proferida por muitos em muitas épocas. Sente-se sempre um cheiro de incenso quando se pensa nisso. Daqueles que queimam nas igrejas. Ou mesmo um cheiro de hospital contendo o necrotério em anexo. É uma questão de vida e morte. E de morte em vida. É o que essa placa faz pensar. E o cheiro normalmente encontra semelhança com as lembranças e lugares frequentados. Um odor carrega muita coisa com ele.

Essa instituição recebe doações e é ajudada por igrejas. Agora o diretor da casa

estava pleiteando um contrato com o governo. “Vamos resgatar almas,” dizia o diretor. Já me encontrava em sua companhia e avaliava atentamente seus planos. Pensava nas almas enquanto alimentava o corpo desses residentes. De alta estatura, corpulento como um urso, esse homem carrega muitos sonhos, muitas esperanças. Seus sonhos e esperanças o fazia um touro bufante que arrasta a pata no chão como quem cava em areia fina. Tanta paixão encanta. Mas seria mesmo um touro esse homem? Seria um gado? Ou mesmo seria um camelo ou burro de carga? A que animal mais se pareceria ele? Eu já me vi gado por hoje. Também já me vi touro na vida. Mas o certo mesmo é que vivo tentando não ser um animal de carga. Gostaria mesmo de ser um leão, majestoso e garboso. Mas nem sempre se consegue ser o que se deseja. E isso tanto eu quanto esse gestor teríamos que entender se quiséssemos trabalhar juntos. Havia uma estrada a percorrer.

Na hora do almoço, estava eu no refeitório admirando a paisagem enquanto mastigava. O Pastor, na sua missão de resgatar almas, se contorce de agonia ao meu lado, percebo mas não me manifesto. Em pouco tempo esse homem de Deus sentenciar: “Deus que me perdoe, mas se eu tivesse ‘aquela’ carabina do meu pai, eu dava um tiro naquele viadinho agora e matava ele de uma vez”. O pastor esconde os olhos com as mãos enquanto fala, não se sabe se de vergonha pelo que disse ou por raiva. O pastor falava de um acolhido da casa que se intitula homossexual. O mesmo chegou para internação deixando claro suas metas, disse que desejava parar de usar drogas e não curar sua sexualidade.

As CT evangélicas se arvoram em cuidar de pessoas que apresentam problemas com drogas, mas na prática o tratamento bíblico intenta mais do que exigir uma vida limpa das drogas. O “viadinho” era Welerson e ele desfilava no pátio; não só caminhava, mas desfilava e seu rebolado deixando o pastor enlouquecido de raiva. Outros olhos o acompanhavam, e não com tanto ódio. Eram os outros acolhidos, grande parte convertido ao evangelho, um deles era Gabriel, braço direito do pastor entre os acolhidos. Era Gabriel que tinha o direito de sair com o pastor, de fazer os serviços mais leves na casa. Era tido como um exemplo. Acontece que Gabriel se apaixonou por Welerson. Este não tinha nada a ver com o pastor, afirmava sua existência, firmava sua potência e administrava seus desejos como poucos ali. Como um demônio dos pesadelos do pastor, Welerson transou com metade da clínica. Com uns foi atrás da academia, com outros dentro dos quartos. Mas foi com Gabriel que saiu de mãos dadas pela porta da CT em seu último dia de tratamento.

Sendo Welerson um demônio e Gabriel um convertido, formaram um casal meio salvo, ou meio perdido.

Ainda no refeitório vejo uma reportagem na televisão em que um médico fala sobre os efeitos do crack no usuário: “Ele tem o efeito muito rápido, cai na circulação do pulmão e é rapidamente absorvido. Seu efeito inicia entre dois a cinco minutos após uso e tem duração fugaz. Drogas com o início de efeito rápido e duração muito curta, também tem potencial de induzir dependência com maior rapidez. E o crack está nessa situação, ele tem o poder muito forte... às vezes uma só experiência com o crack já pode levar a dependência. Muitas pessoas que experimentam vão aumentando seu uso, deixam suas casas, deixam seus trabalhos, vão viver em situação de rua. Se desestruturam muito social e emocionalmente; são essas pessoas a ponta do *iceberg*. Contudo, muito mais pessoas usam crack e continuam trabalhando. Porém, é sobre essa ponta do *iceberg* que é necessário um olhar mais cuidadoso.”

Sentado à sombra de uma mangueira, aguardava o sol baixar sua força para rastelar o mato que capinara. Os pés inchados descascando como escamas, rachaduras na sola dos pés e um amarelado na parte branca dos olhos. Olhos cansados de quem vira muita coisa. Era alta tarde e demoraria muito até o resfriamento do dia. Uma oportunidade de um papo, uma boa conversa. Achei-me com um violão que peguei emprestado com outro que por ali estava. Sento-me ao lado desse senhor. Sem muita cerimônia ou querelas, fomos engatando um papo. Entre observações sobre o clima, o calor, o papo foi evoluindo para suas experiências da vida. “Como poderia ser. Passei por muitos lugares como esse aqui. Mas nunca descobriram como parar de usar álcool. Já contei intermináveis vezes as minhas histórias infantis, da época que vivia com minha mãe. Já falei de uma constelação de coisas, já recitei versos e orações. Caminhei em passos, refiz alguns traços. Mas sempre algo acontece. Sempre retorno. Que de tanto fazer e repetir estava aqui relembando...” – ao fazer uma pausa de uns dez respiros bem contados, meu pensamento vagou no que esse senhor me dizia.

Recordei-me de um episódio ocorrido.

Certo dia chegava em uma CT para conduzir um Projeto Terapêutico, eu já era conhecido dos acolhidos e um deles me aborda no pátio bastante contrariado com a reunião matinal que acontece com o pastor responsável pelo espaço. Tratava-se de Sergio, um mineiro, que fora músico de profissão e que conforme seu relato

deixou a música por ter ficado surdo de um ouvido. Um pensador da vida que gostava de conversar sobre teologia e antes de vir para esta casa estava morando na rua. Usuário de crack como um dos tantos que não se sabe como foram parar na rua; o crack é parte contribuinte do seu processo de internação, assim como a surdez, a música e o pastor da reunião de hoje.

Sentamo-nos à sombra da mangueira e comecei a ouvi-lo. Sergio comprimia os olhos diante da claridade, tinha mais pressão no teu rosto do que o incomodo com a claridade. Sergio estava sisudo, com a voz embargada e com a língua entre os dentes começou a falar: “sabe, eu cheguei a morar muito tempo na rua, quando a gente está na rua as pessoas dão comida pra gente. Tem gente, que se não sabe que a gente é “cracudo”, como alguns chamam os usuários de crack, até dão almoço todos os dias”. Esta fala sobre ser cracudo ou não atravessou minha atenção. A rua em seu sentido público mais amplo seleciona a quem alimentar, usuários de crack não são bem-vindos, são cracudos, mortos-vivos, zumbis. Sergio nota a captura da sua presença por dados prévios: um tipo de ser que não deve ser alimentado e articula-se por comida, tenta fugir da figura do usuário de crack, ao menos para conseguir comer.

Não há problemas em querer internar para comer, sobretudo sendo “O cracudo”. E Sergio continua: “tô te dizendo isso porque eu quero que saiba que não morro de fome porque estou morando na rua. Não estou aqui por um prato de comida, como diz esse pastor aí em reunião logo às seis da manhã, chamando a gente de preguiçoso e ingrato.” Era a cobrança matinal sobre os princípios da Comunidade Terapêutica (Disciplina, Trabalho e Espiritualidade). Sergio não era passivo a qualquer vento que lhe soprasse; sua experiência com o uso de drogas compõe parte do cenário que o levava até a essa casa, porém a sua passagem por esse lugar jamais pode ser quantificável qualitativamente.

Sergio chegara como morador de rua. Vivia seus processos em uma CT, mas sua vida não se resumia a acontecimentos ocorridos ali dentro. Não tem régua para avaliar os processo de cuidado com a vida, então as réguas das instituições são como lâminas afiadas que cortam a carne de Sergio. A instituição religiosa, operando dentro da lógica do funcionamento social como disciplinarizadora, arrebatadora de rebanhos, pastoreando a vida, os pecados da carne são as chagas desse corpo – “aparência do mal,” como costumam dizer. Sergio tinha familiares fora dessa CT; tinha seus próprios passos para defender como sendo suas próprias

historias; o único expectador da sua trajetória são seus próprios passos e neles circula todas as coisas que o constituem hoje.

Houve momentos de cuidado atento, outros momentos que requeriam outro tipo de cuidado. Sergio já havia sido professor, quase constituiu família. Em cada momento desses, sua vida acontecia de acordo com seus próprios conjuntos de afetos e de forças. Caberá sempre a Sergio dizer sobre essas forças que o atravessaram. Cabe a ele valorar seus processos de experiências. Escorria pela garganta a tentativa de forças o capturarem pelos enunciados que o definiam na CT: “cracudo”, dependente químico, morador de rua. O poder pastoral, dominante nesses espaços, angaria ovelhas, anseia colonizar sua potência de vida como exercício de poder capturar pelo estômago, pela fome, pela compaixão sustentada a troco de gratidão.

Sergio ficará por mais uma semana apenas na CT, fora embora devido à discordância com a gestão do espaço. Fora formar outros pontos de experimentação e sempre que possível escapando ao poder – o discurso da segurança pública, da saúde, da igreja o encontrará aonde for; para tanto, haverá de recorrer indiscriminadamente à potência e continuar seguindo, por CT, albergues, abrigos ou até mesmo retornar à boa e velha casa do pai.

O exemplo do Sergio e de tantos outros casos me levaram a crer que o problema se encontrava na liderança que conduzia uma CT, uma clínica psiquiátrica, um espaço de tratamento. Considerava que se não fosse uma instituição religiosa nem médica, poderia criar outros possíveis no cuidado de pessoas que apresentam problemas com drogas.

Uma questão interessante é que internos na CT poderiam consumir remédios para dormir, remédios para controlar a ansiedade, usados às vezes sem prescrição. A Abstinência de Drogas aqui se torna um ponto confuso na história; a religião prega cura da doença da drogadição, que estará limpo e liberto das drogas, mas endossa a medicalização do sujeito inclusive por conta própria, muitas vezes, sem orientação de um médico. Um uso de drogas supervisionado, uma brecha na ideia transcendental de ser humano livre de drogas, em uma sociedade que declarou guerra às drogas como quem declara guerra a um estado ou país. A noção de abstinência completa das drogas segue a lógica de uma sociedade sem drogas. Mas não são de quaisquer drogas. Os fármacos, por exemplo, possuem um grau de tolerância moral mais flexível no universo ideal de abstinência. A noção de

periculosidade associada à droga, e mais a determinadas drogas do que a outras, foi produzida ao longo da história da nossa civilização.

16. Narrativa Zero menos Um

O Corpo Sem Órgão é o (um) plano de pura intensidade, é o lugar e o não lugar, a produção de outros corpos tendo apenas o plano de intensidade com força motriz. Para falar sobre drogas é indispensável falar do corpo que usa, do corpo que se produz em suas experiências, tanto pelas incontáveis perspectivas de corpo, como pelas forças que se constituem em corpos. A droga, ou substância química, interage com um corpo, que é um corpo fundamentalmente social. Um corpo que apresenta suas singularidades, mas nada é apenas ele. De forma que o meio social é extensão do corpo, a droga é parte do social, o corpo é social e a sociedade possui muitos corpos. Assim não resta dúvida, para pensar sobre o fenômeno do uso de drogas é necessário pensar o sujeito na sua interação com a substância, em quais campos semióticos ocupam determinada substância na sociedade em que vive o sujeito que usa e quais as características químicas da droga utilizada (RIBEIRO, 2009).

Os devotos do vegetal afirmam que quando você está sob forte efeito do chá, ou na borracheira - força estranha na definição dos hoasqueiros - , você está de “tempos alto”. Perguntei a um deles a que se referia estar de tempos alto. O mesmo disse que quando se está “de borracheira alta” o tempo flui mais devagar ajudando você a examinar sua consciência. Se isso é apenas a percepção dele não é o mais importante de saber no momento. O mais importante para mim foi notar que existe para ele uma mudança no próprio tempo que corre, que passa, que se supõe preso em cada minuto de sessenta segundos. Configura para ele uma experiência com o tempo, uma experiência que possibilita um novo campo simbólico. (FONROBERT, 2012)

O chá ou mesmo o vegetal como é nomeado pelos membros da União do Vegetal (UDV) é um alterador da consciência, mas não é considerado por eles uma droga, tal o preceito moral que carrega essa palavra. Interessante o posicionamento dos hoasqueiros dessa denominação a cerca do chá; o mestre certo dia foi interpelado por um psiquiatra que estava na sessão de que o chá é uma droga alteradora de humor e a resposta imediata foi a de que o chá é “ um heterógeno e não droga. E que o vegetal leva a um caminho de luz e de retidão”. (FONROBERT, 2012)

Retidão e luz, as mesmas lógicas platônicas religiosas que a muito me pergunto se

são as únicas possíveis. Sou um ser social e me afeta a questão da espiritualidade, até porque me vejo tendo uma. Mas essa perspectiva platônica sempre me causou certa estranheza. Nunca me agradou ouvir pessoas falarem de uma retidão e de uma luz que nunca se encontrava em mim. Na maioria das vezes esses porta vozes da espiritualidade se referem a mim como ausente de luz, ou como não estando na reta certa ou na retidão certa. Interessante que andei em muitas linhas até aqui, e sempre se passava de uma linha a outra eu era visto como alguém que acabava de chegar, que estava torto ou na reta errada, que agora sim estava na linha certa, e por consequência indo para luz. Assim de religião para religião, de templo para templo, fui sendo enquadrado na mesma lógica. O que muda é somente o nome da religião, seus instrumentos. Porque roubam minha luz? Porque sempre a tiram de mim e me convencem que tenho que buscá-la em outro lugar, por outros meios?

Pensar o Corpo sem Órgãos me alivia, me desangustia e me angustia ao mesmo tempo. Penso que o que essas pessoas chamam de luz pode ser o campo de intensidade produtor de corpos potentes, criativos, fortes. Pode ser pura falta de representação, a pura ausência de identidade, pura falta do prescritivo. Pensar isso me desangustia porque me faz sentir que estou em luz aqui, na minha presença. Mas também me angustia porque ainda preciso dessas representações (é sempre preciso guardar um pouco de representação) para funcionar, para viver. E assim me reporta a minha experiência em Narcóticos Anônimos.... os passos como dispositivos, a vida nas representações.

Voltando a experiência, voltando a fatores interessantes nos bebedores de vegetal. Existe um grupo que usa o chá para entrar em abstinência de drogas que lhes causavam problemas (sic). Não há, como já dito aqui, o entendimento que o chá é uma droga. No entanto a definição do que é uma droga, nos termos morais a que se atribui a droga na nossa sociedade não esta bem claro. Pensando sobre essa dissertação notei alguns critérios que são usado para definir drogas, usuários, usuários problemas ou imorais. Existem instrumentos para verificar o tipo de droga, o tipo de usuário e por fim chega-se ao diagnóstico de doença para certos tipos de usuários.

Esse sempre foi uma questão que permeou minhas “práxis psis”, que atravessou meu cotidiano de adicto em recuperação, e no meu estar vivo em sociedade. Como se a minha angustia por não ter uma religião fosse deslocada para como definir meu lugar psi na vida, como entender e abordar as psicopatologias que se

apresentam no cotidiano na clínica. Assim o tal platonismo sempre me fundamentou, sempre me prendeu, me segurou, me prendeu e me norteou. Mas a filosofia da diferença que me acompanhou desde os primeiros dias da graduação encontrava um suspiro “um pouco de possível se não eu sufoco”, essa e outras máximas da filosofia da diferença me torceram como um pano de chão sujo, não por falta de pureza, mas sujo por muitas mãos, muitos possíveis que minha vida platônica ocidental não me permitia ver.

O fazimento da minha recuperação, bem como o fazimento clínico que assumi após formado, me colocou nas mãos da vida como o pano de chão sujo, “enxugar gelo”, quantas vezes ouvi isso dos meus colegas que trabalham com a abstinência. E depois em algumas leituras foi ficando claro. Não! Chega de tentar enxugar gelo. A vida é rizomática mesmo que as representações nos capturem. A vida é intensidade e produção de novos corpos. Isso era tudo o que eu queria dizer com esse trabalho.

Preciso ambientar sobre o que é droga pela perspectiva moral. E os hoasqueiros me deram um grande exemplo. Eles param de usar drogas tomando o chá. Eles tem CT de internação de pessoas que querem parar de usar drogas. Eles internam essas pessoas para limparem-las do uso de drogas. Eles são a favor da abstinência completa, não pode nem tabaco para alguns dos membros dessa doutrina que usa um chá alterador da consciência. São categoricamente contra a política de Redução de Danos proposta pelo Ministério da Saúde como diretriz para o tratamento. O chá sagrado é o orientador, o que trás a luz do conhecimento. Qualquer outro alterador de humor é droga para eles. Ôpa! Nem todos. Muitos membros pegam com o líder do espaço lorazepam, diazepam, rivotril, entre outros medicamentos. Esse medicamentos que causam dependência e alteram o humor não são drogas. Ao menos para eles. A abstinência continua garantida mesmo com essas drogas farmacológicas utilizadas. Outro membro da UDV veio me dizer que as pessoas ali usavam muito remédio para apagar, para dormir, que ele usava remédios para acordar. E descreveu alguns estimulantes facilmente encontrados na farmácia, como a efedrina.

Assim me fez pensar que sim, a droga é um campo de experimentação, e essas pessoas não me deixaram dúvida disso. Assim como os líderes espirituais que encontrei, me mostraram que havia muitas linhas para caminhar em “retidão”, esses hoasqueiros me reafirmaram o mesmo conceito de usuários de drogas usado

pelos membros da sociedade que vivemos. Após a declarada guerras às drogas, rios de informações moralizando e demonizando as drogas nos chegaram, muitas drogas ficaram fora desses contexto. Mas...

17. Anauá, a esquilo: modos de caminhar, narrar e colher histórias

“o conhecimento é um valor que deve ser situado entre uma pluralidade de valores e que não deve, entre eles, gozar de nenhum privilégio particular”.
(MACHADO, 2002 p. 52)

Anauá ia catando fagulhas, umas aqui e outras ali, atarantada como alguém que apressado vai juntando os pedacinhos de algo que encontra espalhado no chão. Minutos antes, estava parada olhando pontos reluzentes no gramado. Eram vidas, mas mais que a vida de um ou de outro, eram as vidas em pontos de luz que oscilavam em luzes mais fortes e em luzes mais fracas. Uma hora, umas ficavam mais acesas. Pouco tempo depois, outros pontos de luz surgiam no gramado, assim como um pisca-pisca de natal. De repente, passa uma nevoa de poeira confundindo a vista de Anauá, dando-lhe a impressão de um grande plano de luz. As vidas sem o nevoeiro são uns pontinhos aqui outros ali. Com o nevoeiro, elas se tornam um imenso platô iluminado. “É o véu da ilusão”, Anauá se lembra das palavras do sábio da tribo. Sem saber ao certo o que é esse nevoeiro, e em que ele interfere nas vidas que brilham na grama, o nevoeiro se vai. Pela sua passagem breve, deixa pouca percepção da sua interferência. Pouco se sabe sobre aquele nevoeiro. O nevoeiro se desfez.

Enquanto Anauá caminhava em direção ao gramado, outra forma se apresentou à sua frente, outra imagem, agora sem nevoeiro. Ela segue em frente sem saber como esse nevoeiro afetou essas vidas espalhadas no chão. Para surpresa de Anauá, aqueles pontos de luz eram como estrelas possuindo raios que se prolongavam por todo um gramado coberto de plasma. Uma coisa gelatinosa, mole e incolor, com um aspecto estriado em múltiplas vias de circulação, em traços de luz com diferentes intensidades. Em silêncio, observou o movimento dessa geleia. Passou horas enfiando as mãos nesse plasma sem capturar uma única fagulha de luz.

Tinha se proposto a catar histórias de algumas vidas. A luz é tão veloz que não é fácil pegá-la. Algumas vezes, brilha forte e apaga, dissolvendo-se em algum segmento estriado do plasma. Depois de algumas tentativas sem êxito, Anauá deixou de tentar pegá-las e pensou em ir ao encontro delas, tentar saber como elas eram, como elas se moviam. Mas não sabia como. Pensava em deitar no plasma, mas seu tamanho era muito grande. Decerto, iria espalhar toda aquela geleia e

não conseguiria entrar. Pensou em colocar todo o plasma na sacola e levá-lo para casa, em fazer-lhe um aquário. Pensou e pensou. Depois de alguns segundos, viu uma luz intermitente brilhando. Foi se aproximando, sentiu que era a oportunidade de catar a sua primeira luz. Conseguiu, pegou. Ela estava mais presa no plasma, estava mais densa, dava pra pegar. Foi puxando e o plasma foi se estendendo junto. Foi esticando, esticando, esticando. A luz se apertava em suas mãos e ia derretendo de volta para o plasma, ia escorrendo e desaparecendo das suas mãos. Chegou a pensar em fazer um movimento mais brusco, na intenção de arrancar de vez aquela luz do plasma. Mas não o fez por medo de matar aquela luz de uma vez por todas. Pensou consigo: será que elas vivem fora desse plasma? Pode ser que vivam mas, de alguma forma, esse plasma liga essas vidas de forma tão visceral que arrancá-las de lá poderia ser até fatal.

De que valeria arrancar aquela luz daquele plasma se nem se sabe se ela viverá ao sair de lá? Anauá poderia conecta-la em outras tomadas? Não se sabe nada dessa luz e, para saber efetivamente, teria que fazer um mergulho nesse plasma. Pensou em usar magia da mata para conseguir fazer esse mergulho. Havia de procurar uma planta muito farta na região, que faria um antídoto para entrar nesse plasma. O sábio falou que existem muitos perigos nessa magia, mas Anauá era destemida e movida pela curiosidade.

Foi procurar a tal planta. Enquanto caminhava na mata, perguntava-se curiosa o que haveria de encontrar dentro do plasma. Falam que lá há criaturas muito interessantes, mas que também guarda o perigo de você nunca mais se separar de lá. O plasma era um dos tantos mundos existentes. Entrar nesse plasma das vidas será produzir marcas, vincos, sulcos no corpo e na alma que nunca se sabe no que pode se transformar. Pode se tornar até um réptil, com pele grossa e fria, ou pode-se tornar um pássaro voando firme e conciso num céu estrelado.

Quando encontrou a tal planta, colheu suas folhas e foi fazer o ritual para conseguir entrar no plasma. O ritual consistia em comer as folhas enquanto dançava a dança dos deuses da floresta, tentando assim mentalizar uma forma física capaz de se mover dentro do plasma. Anauá pensou em ser um beija-flor, pela sua graça e agilidade; mas queria ser mais prática, queria conhecer cantos que seriam difíceis para o beija-flor entrar. Então, resolveu se tornar um esquilo: poderia escalar e passar por espaços pequenos. O esquilo é ágil e também possui excelentes ouvidos. Foi desaparecendo, tornando-se fluxo de luz para dentro do plasma. Lá

dentro, surge como um esquilo, aproximou-se das luzes e das vidas que se cruzavam com ela. Idas e vindas nos campos estriados do plasma a fizeram passar por várias histórias, causos, inclusive alguns horripilantes. Anauá dormiu em dutos de ar- condicionado, árvores, no meio da praça. Ouvia tudo que diziam e registrava tudo que se passava. Escolheu algumas vidas para observar mais atentamente e comeu fagulhas que caíam da mesa em que as pessoas comiam. Sentia-se como elas. Até sentia mesmo que, quando comia ou bebia alguma coisa, tornava-se diferente. Meio tonta às vezes, outras vezes acelerada.

Anauá experimentava os sons e as sensações do mundo plasmático, respirava cada experiência passada e, por tantas vezes assim, experienciava o compartilhar das vidas, não só com suas vivências mas, também, na forma de se relacionar com este mundo. Este mundo parece um pouco hostil, às vezes. Não foram poucas as vezes que fora confundida com um rato. Aliás, ainda bem que foi como esquila, porque se viesse como uma ratazana não sobreviveria muito tempo neste mundo. Assim, foi reconhecendo processos complexos de seleção de espécies no mundo plasmático. Foi entendendo o que é viver apertada em um caixote de papelão na rua e como era estar confortável em algum duto de ar-condicionado.

Comera muitas qualidades de alimentos. Nutria-se dos restos das vidas, dos seus rastros esquivos, das migalhas de memórias perdidas. Não tem o que reclamar das coisas boas e bonitas que vivera em parques e florestas maravilhosas. Por ser uma linda esquilinho, foi muitas vezes alimentada e carinhada pelas vidas que ali existiam. E passou longos anos assim. Sofreu de fome em períodos que estava mais perto de vidas que mal comiam, passou fartura com outras também. Interessava-se por tudo.

Mas já chegara a hora de voltar. Anauá estava ansiosa para falar na tribo das histórias que passou ali. Uns lugares de muita gente, que circula por todos os lados, inclusive onde ficam as suas tribos também. Lentamente, Anauá se despede com um até logo. Mas sofreu uma magia no mundo plasmático. Havia fundindo-se com ele em novos vincos, cujos sulcos não deixaram Anauá descolar desse lugar. Dissolvera-se no espaço e acordara agora no gramado, ao lado do plasma reluzente, com uma sacola vazia ao seu lado. Levantou-se e partiu para a tribo sem nada nas mãos. Passou a narrar inúmeras histórias e essas histórias eram repetidas por outras pessoas, em outras tribos, vilas e vilarejos.

18. Narrativas em rede: o que fiz?

No início queria escolher as histórias que desejava incluir neste ou naquele debate sobre a questão do cuidado a pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas. Fui procurando os debates das políticas de cuidado na questão das drogas, fazendo interlocuções com os serviços em que atuei e com as políticas propostas para serviços de cuidado a pessoas que apresentam problemas com drogas. Circulei entre as leituras, orientações individuais e coletivas. Por fim, não foi eu quem escolheu as histórias, os personagens e as circunstâncias expostas. Foram essas situações ocorridas e lembradas um tanto involuntariamente que se encadearam no processo de construção dessa dissertação. Foi um reviver de experiências passadas.

Tornei-me ciente de que falar de linhas de cuidado é falar de um lugar incomum, um lugar movediço, incerto e inquietante. Para materializar esse espaço, as narrativas se fazem como um tecelão a operar no tear. As narrativas não são um tipo de tear que se faz sozinho. O campo da experiência não se vive sozinho, mas pela produção de um tear coletivo com ressonâncias de muitas forças no processo. Parti da ideia, tomada de Benjamim (1994), de que experiência é mais do que reviver um processo já vivenciado individualmente, é também a experiência que acontece na produção de um comum. A construção de narrativas para o desenvolvimento deste trabalho de dissertação possibilitou o reviver algo que já não era a mesma coisa, que já vem carregado de outros e novos sentidos, tornando o processo de construção de narrativas uma produção de experiências.

De certa forma, foi um alinhar críticas à racionalidade extrema no que se refere a modalidades de cuidados, de definição de diagnósticos, que reforçam a produção de mecanismos segregadores e criminalizantes. Estes mecanismos são operados pela lógica do poder e da captura da vida em campos de subjetivação que se ancoram em instâncias representacionais previamente estabelecidas. As narrativas desenvolvidas possibilitaram o emergir da vida em meio aos acontecimentos, a vida como potência capaz de fazer uso das representações sem se submeter integralmente a elas. Sendo assim, por outro lado, temos os que buscam maneiras autônomas de viver práticas que se aproximem de um “cuidado de si” (FOUCAULT, 2006) voltado para princípios éticos de se posicionar no mundo. Estes princípios são fluídicos, múltiplos e não se espelham em verdades absolutas para justificar

modos de agir.

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. [...] Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através de práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de libertação, de liberdade, como na Antiguidade - a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, 2004, p. 291)

Outra pista que seguimos no processo de análise, é pensar as abordagens de cuidado sobre o sujeito que faz uso de drogas tramadas por linhas molares e linhas moleculares, apropriando-nos destes conceitos de Deleuze (1992). Tomamos, assim, o processo de uso e de busca de cuidado com as drogas como um processo de experiência onde se fazem presentes sempre vários fatores, rejeitando concepções unilaterais.

Buscando escapar ao discurso debruçado sobre um corpo já dado, tomamos as narrativas como forma de expressar os processos vividos coletivamente, como processo jeito de aceitar a incompletude dos fenômenos e, com isso, ir buscando caminhos para acompanhar processos. A estratégia que se articula é seguir produzindo relatos de situações que ocorreram durante os meus últimos dez anos de atuação nas políticas de cuidado a pessoas que usam drogas, e que acreditam ter problemas com drogas. São relatos de casos diversos que possam expressar a vida no seu funcionamento em curso, cuidando para olhar quais atravessamentos coletivos estão constituindo essas histórias e vidas.

Há diversos vetores presentes na vida do buscador de cuidado: a guerra às drogas, a moralidade cristã, a produção de sujeitos puros e bem sucedidos; todas imprimidas dentro do processo capitalístico de produção de sujeitos. Entendendo o processo narrativo como o desenvolvimento de um “olhar atento aos estados concretos das coisas, [procura-se] encontrar narrativas adequadas e únicas para uma situação dada.” (LATOURETTE, 2007, p. 57). Assim, pensar uma pesquisa que trate de políticas de cuidado, sejam elas governamentais ou não, é falar de um lugar híbrido, carregado de relações de experimentação, de agenciamentos de desejos, de linhas que constituem o sujeito em processo ou, como nos diz Deleuze (1979) sobre a experiência com a droga, diz “respeito a princípio às velocidades, às mudanças de velocidades, aos limiares de percepção, às formas de movimento, aos tempos sobre-humanos e não-humanos”.

Os gradientes de intensidades suportados ou não, as velocidades das emoções,

dos acontecimentos e da civilização em curso entram em jogo. Para além das alterações na percepção por efeitos exógenos ou endógenos, a experiência com a droga não está dissociada da experiência com a vida. Mais que isso, substâncias psicoativas são parte integrante de nossa história (ESCOHOTADO, 1989), e é nessa integração intrínseca que se forja a vida.

Os personagens das narrativas, assim como seus processos, foram tomados de personagens e histórias que existiram. Alguns personagens são híbridos de outras histórias, de outras pessoas, ou foram histórias de um mesmo personagem e em tempos e espaços diferentes na vida deles. A separação entre ficção e verdade não nos interessa. Assim, Dirceu, Abelardo Faria e outros que aqui figuram emprestaram as suas vidas a outros anônimos que passaram por mim durante essa trajetória. Os acontecimentos vividos se fundiram em torno do objetivo do trabalho, dando corpo ao texto da dissertação. Havia momentos de compartilhamento das histórias e experiências em orientação. Essas histórias eram revividas por mim e vividas no decorrer dessa situação. Os encontros da orientação suscitavam análises, o reviver da história, novos afetos, novos olhares, novas sensações. Não haveria possibilidade de desenvolver essa dissertação se não houvesse abertura para (re)pensar as histórias e os fatos vividos e compartilhados aqui.

O exercício desse (re)pensar, (re)viver, requer disponibilidade para tratar do assunto não como uma reedição de casos e memórias. Trata-se de uma postura ética, de estar atento aos múltiplos movimentos que afetam os corpos, evidenciando que as coisas não estão fechadas, mas que estão acontecendo, fazendo relações o tempo inteiro em feitura. Foi necessário não se posicionar com a verdade debaixo do braço, rigidamente como um espectador, um locutor, um jornalista ou um romancista. Contrapõe-se, assim, disponibilidade à docilidade, distinguindo o que toma cuidado, aquele interessado no possível vir a ser, daquele que, como um juiz ou mestre, segue apenas o prescrito (DESPRET, 2011).

Foi como fazer a trajetória da Anauá, caminhar por plasmas acadêmicos e não acadêmicos, rígidos e flexíveis, trazendo os personagens como atores do processo de cuidado, de produção de práticas de cuidado, da produção de políticas de cuidado. Na pesquisa, os diferentes atores e seus intercessores permeiam o ambiente social na perspectiva da formação de redes, dentro do que Latour (1994) denomina “sociologia das associações”, sendo elas compostas por pequenos fios que representam vínculos entre atores.

A “sociologia das associações” propõe que esses pequenos fios que representam os vínculos entre atores, e que formam a figura da rede, se deem a partir do nivelamento ou achatamento das perspectivas hierárquicas anteriormente propostas pela “sociologia do social”. Assim para Latour se constrói a imagem de um social em rede – mediante a especificidade de cada associação. As redes, portanto, não são substantivas, de forma que a ANT descarta a concepção de “duras” estruturas preexistentes como as construídas para o transporte metroviário ou para o saneamento hidráulico, nas metáforas do escritor. (PRATES, 2013, p. 208)

O uso da descrição dos processos configura uma análise dos atores envolvidos nos territórios que interessam à pesquisa, dando visibilidade aos movimentos sutis do mundo, realizando um treinamento da escuta, dos olhos e de tudo mais o que pode ser ampliado no sentido de disponibilizar o campo sensível para a percepção do mundo em seu processo de produção. Isso apresenta justamente a necessidade um intenso rigor, um rigor de ter em si o princípio ético de se posicionar no campo de pesquisa e de se questionar o quanto seu corpo pode captar apuradamente os aromas que existem no ar, o quanto os olhos estão treinados para definir nuances mais sutis das cores que se apresentam, o quanto a pele pode sentir os efeitos e tensionamentos existentes.

19. Bibliografia

ANDREADE, C. D. **Obra poética III**. Coleção: obras de Carlos Drummond de Andrade. Editora: Publicações Europa-América, 1989.

BENJAMIM, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Manual de Redução de Danos: Saúde e Cidadania**. Brasília: Ministério da Saúde / Coordenação Nacional de DST e AIDS, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei Número 10.216, de 6 de abril de 2001. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009. DELEUZE, G. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Mil Platôs 5: Capitalismo e Esquizofrenia**, São Paulo Ed. 34, 1997 DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade**. São Paulo. Editora: 34, 2001 DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ESCOHOTADO, A. **historia geral de las drogas, 3**. Madri: Alianza Editorial, 1989.

FIORE, M. **O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 92, p.9-12, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000100002. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. Martins Fontes: São Paulo, 2010b.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Coleção Ditos & Escritos (vol. VII). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micro Política Cartografia dos desejos**. Editora Vozes, sétima edição, 2005

LABATE, B. et al. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: Edufba/Ministério da Cultura, 2008.

LATOURETTE, B. **Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos em ciência**. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Org.). *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Afrontamento, 2007. p. 40-61.

MACHADO, R. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 2002.

MACRAE, Edward. **Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos**. In: *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001.

MERHY, E. **Anormais e desejos: os novos não humanos? Os sinais que vem da vida cotidiana e a rua**. In: Conselho Federal de Psicologia. Grupo de trabalho de álcool e outras drogas. *Drogas e Cidadania*. Brasília, DF: CFP; 2012, p. 9-18.

MESQUITA, F. (1991). **Aids e drogas injetáveis**. In A. Lancetti (Org.), *SaúdeLoucura* 3 (pp. 46-53). São Paulo: Ed. Hucitec.

NIETZSCHE, F. **Miscelânea de Opiniões e sentenças**. São Paulo: Editora Escala, 2007

NIETZSCHE, F. **Gaia Ciência**. São Paulo, Editora Companhia de bolso, 2012

OLIVEIRA. **Anarquista e dissonâncias abolicionistas**. In. Revista Ponto-e-Virgula. São Paulo: PEPGCS-SP. Número 1, 2007.

OLIVEIRA, G. S.; JUNIOR, S. M. B.; SOUZA, S. R.; SILVA, W. **Audiência de Custódia**: Dignidade humana, controle de convencionalidade, prisão cautelar e outras alternativas (Lei 12.403/2011). Rio de Janeiro, Editora: Lumen Juris

PASSOS, E.; BENEVIDES R. B. **A cartografia como método de pesquisa intervenção**: Pista do método cartográfico. Sulista 2009

PASSOS, E. H. & SOUZA, T. P. (2011). **Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas”**. Psicologia & Sociedade, 23(1), 154-162. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a17v23n1.pdf>

PRATES, V. **Entre as formigas e estrelas**. *Galaxia*. (São Paulo, online) n, 25, p. 206-210, Junho 2013. Disponível em ; <http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25a17.pdf>

RODRIGUES, T. **Tráfico, guerra, proibição**. In: **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Zborowsk (1972)

ROLNIK, S. **O mal estar na diferença**. Publicado na França, in Chimères no 25. Association Chimères, Paris, outono 1995. Versão ligeiramente modificada do ensaio publicado no Anuário Brasileiro de Psicanálise. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995 e, na Argentina, in Zona Erógena, Revista abierta de Psicoanalysis y Pensamiento Contemporaneo, no 24. Buenos Aires, inverno 1995.

ROSA, Pablo O. **Juventude Criminalizada**. Florianópolis: Ed. Insular, 2010a.

ROSA, Pablo O. **Drogas e a Governamentalidade Neoliberal: Uma genealogia da redução de danos**. Florianópolis: Ed. Insular, 2014.

SIQUEIRA, Domiciano. **Breve história de uma intervenção**. In **SIQUEIRA, Domiciano. Mal(dito) Cidadão: Numa Sociedade com Drogas**. São Caetano do Sul: King Graf, 2006.

FONROBERT, A. **O caminho da Ayahuasca**. Rio de Janeiro. Ed. Usina de letras. 2012

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In PASSOS, E. KASTRUP, V. ; TEDESCO, S. **Pistas do Método da Cartografia**: A experiência de pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. P. 92-127.